

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

**VALENTINO STERZA**

**PLANTAS MÁGICAS NO MEDIEVO:  
MULHERES, MAGIA E IGREJA**

**JOÃO PESSOA  
2019**

VALENTINO STERZA

**PLANTAS MÁGICAS NO MEDIEVO:  
MULHERES, MAGIA E IGREJA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba como requisito complementar para obtenção do título de Licenciatura em Ciências das Religiões, sob orientação do professor Dr. Johnni Langer.

João Pessoa  
2019

S839p Sterza, Valentino.

PLANTAS MÁGICAS NO MEDIEVO: MULHERES, MAGIA E IGREJA /  
Valentino Sterza. - João Pessoa, 2019.  
51 f. : il.

Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Plantas mágicas. 2. Medievo. 3. Feitiçaria. 4.  
Igreja. I. Título

UFPB/BC

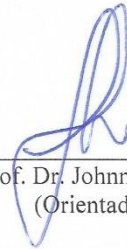
VALENTINO STERZA

**PLANTAS MÁGICAS NO MEDIEVO:  
MULHERES, MAGIA E IGREJA**

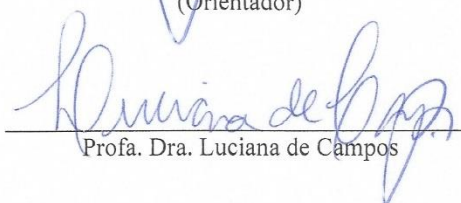
Trabalho de conclusão de curso submetido à Banca Examinadora designada pelo Curso de Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Ciências das Religiões.

BANCA EXAMINADORA


Assinatura: \_\_\_\_\_

  
Prof. Dr. Johnni Langer  
(Orientador)

Assinatura: \_\_\_\_\_

  
Prof. Dra. Luciana de Campos

Assinatura: \_\_\_\_\_

  
Prof. Dr. Guilherme Queiroz de Souza

João Pessoa, 16 de SETEMBRO de 2019.

Dedico os meus pais maravilhosos, Gino e Anna. Que vivendo na Itália, não puderam participar presencialmente ao o meu percurso formativo universitário. A eles que durante a minha vida, sempre apoiaram as minhas decisões e escolhas.

## **AGRADECIMENTOS**

Devo a concretização deste trabalho as diversas pessoas que em diferentes maneiras apoiaram-me. Principalmente, a minha esposa Avany e minha cunhada Márcia, que me motivaram para retomar os estudos depois de muitos anos. A minha esposa, vai ainda um carinho especial por motivar-me a superar os obstáculos. Um agradecimento específico, a meu irmão Lorenzo, “Fera” da informática, que, ao longo da graduação, forneceu-me dicas importantes, sobre o uso do computador. Agradeço a todas as pessoas que fazem parte do curso de Ciências das Religiões, professores e técnicos administrativos. E por último, mas não menos importante, agradeço muito, o meu orientador professor Johnni Langer, por sua contribuição, atenção e disponibilidade.

*Uma gota fura uma rocha caindo não só duas vezes, mas muitas; assim também, um homem se faz esperto não só lendo dois, mas muitos livros.*

*Giordano Bruno*

## RESUMO

Essa pesquisa tem o propósito de fornecer um trabalho sobre determinados tipos de plantas psicotrópicas que, na Antiguidade e sucessivamente na Idade Média, eram usadas para fins terapêuticos, como também, para fins mágicos ou sobrenaturais. Nosso objetivo é esclarecer as temáticas ligadas a estas plantas no período medieval, isto é, conhecer nomes, histórias, lendas e os efeitos que seus usos provocavam nas pessoas. Nesse sentido, apresentamos a influência destas plantas na sociedade Medieval, uma sociedade embora, aos poucos, tenha sido cristianizada, a mesma não havia perdido conexões com suas práticas e crenças anteriores. Assim, relatamos como o uso destas plantas era bastante difundido durante o Medievo e quais foram os sujeitos que se utilizavam das supostas e/ou verdadeiras propriedades. Em específico, analisamos as figuras das mulheres que praticavam o curandeirismo e a feitiçaria, práticas essas que têm suas origens nos tempos mais remotos, muito antes do surgimento do cristianismo. Ademais, ressaltamos a relação entre a Igreja Católica e essas pessoas peculiares. Em nosso trabalho utilizamos um método de pesquisa qualitativo e descritivo, desenvolvido a partir de um estudo bibliográfico e documental. Nossa fundamentação teórica baseia-se em textos de autores que são classificados como especialistas nas áreas de estudos referentes à História da Idade Média, a Etnobotânica e a outros âmbitos pertinentes a nossa pesquisa. Nesse modo, consideramos que este estudo seja relevante para área da Ciências das Religiões do Brasil, uma vez que trata de um argumento que poderia abrir novas perspectiva de pesquisa, sobretudo no que diz respeito às motivações que levaram um sistema religioso aplicar formas de repressão contra figuras existentes num determinado período histórico da humanidade.

**Palavras-chave:** Plantas mágicas; Medievo; Feitiçaria; Igreja.

## LISTA DAS ILUSTRAÇÕES

**Fig. 1** – p. 23. Imagem do *Malleus Maleficarum*. Cópia do texto original produzida em 1519 que pertenceu aos barões Wolkenstein-Rodenegg. Atualmente se encontra na biblioteca da Cornell University – Ithaca -NY. Disponível em: <<https://leganerd.com/2016/04/14/malleus-maleficarum-il-manuale-ufficiale-per-cacciatori-di-streghe/>>. Acesso em 21 ago. 2019.

**Fig. 2** – p. 35. Particular de um afresco da Tumba de Nakht, Tebe, XVIII Dinastia, representando uma mulher com em mão o fruto da mandrágora. Disponível em: <<http://samorini.it/site/archeologia/africa/droghe-antichi-egiziani/ninfea-mandragora-erotismo-egiziano/>>. Acesso em 21 maio 2019.

**Fig. 3** – p. 38. Mandragora, 1201-1300, Dioscorides, XI. Dioscoridis (liber) de medicinis, Biblioteca Medicea Laurenziana. Firenze, Plut.73.16, Carta 148v Disponível em <<https://i.pinimg.com/originals/16/7c/f8/167cf87a59511373006ec378ec501549.jpg>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

**Fig. 4** – p. 39. Mandrágora, Manuscrito *Tacuinum Sanitas*, séc. XV Disponível em <<https://br.pinterest.com/ladyshadow64/historia-plantarum/>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

**Fig. 5** – p. 40. Raiz de mandrágora. Disponível em <<https://www.trioradascoprire.it/prodotto/storia-e-mito-della-mandragora-a-cura-di-luca-bonfante/>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

**Fig. 6** – p. 42. Imagem das mandrágoras feminina e masculina. Em: LUPO, Michelangelo (org.). L'erbario di Trento: il manoscritto numero 1591 del Museo provinciale d'arte. Trento: Provincia Autonoma di Trento.

**Fig. 7** – p. 47. Cópia da capa original da primeira estampa do texto da comédia *Mandragola* de Niccolò Machiavelli. Disponível em <<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/13/Mandragola.jpg>>. Acesso em: 5 jul. 2019.

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1</b>	<b>MEDIEVO: ALGUNS ASPECTOS PARA CONTEXTUALIZAR A PESQUISA.....</b>	<b>12</b>
1.1	MEDIEVO: PERÍODO HISTÓRICO E SUA ÁREA GEOGRÁFICA.....	12
1.2	DA ANTIGUIDADE PARA O MEDIEVO: IMPORTANTES MUDANÇAS POLÍTICAS, SOCIAIS, CULTURAIS.....	12
<b>2</b>	<b>CURANDEIRAS, FEITICEIRAS E BRUXAS, MULHERES PECULIARES CONHECEDORAS DAS PRÁTICAS MÁGICAS, DA NATUREZA E DOS EFEITOS DAS PLANTAS.....</b>	<b>17</b>
2.1	DE CURANDEIRAS E FEITICEIRAS À BRUXAS.....	17
2.2	A IGREJA CATÓLICA E SUA LUTA CONTRA AS PRÁTICAS MÁGICAS....	24
<b>3</b>	<b>MANDRÁGORA A RAINHA DAS PLANTAS MÁGICAS.....</b>	<b>34</b>
3.1	A MANDRÁGORA NA ANTIGUIDADE.....	34
3.2	A MANDRÁGORA NO MEDIEVO.....	37
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>50</b>

## INTRODUÇÃO

A importância que o reino vegetal exerceu na longa viagem percorrida pela humanidade, desde os primórdios até os dias atuais é o motivo de nosso interesse por este estudo. O reino vegetal é fornecedor de elementos fundamentais para sustentação dos seres humanos (alimentos), mas o que despertou nossa atenção é o fato de que o ser humano, ao longo da sua existência, descobriu que algumas plantas possuíam propriedades curativas, psicotrópicas<sup>1</sup> ou as duas juntas.

Estas plantas, principalmente no passado, inclusive em vários casos ainda hoje, eram e são usadas para tentar resolver problemas de saúde. Além disso, acredita-se que devido às suas propriedades psicotrópicas, eram usadas para tentar resolver tudo aquilo que era ou é considerado sobrenatural. Conseqüentemente, no decorrer do tempo, nas diversas culturas espalhadas pelo mundo, surgiram sujeitos conhecedores das plantas e da natureza, que as usavam em práticas de cura, bem como em práticas mágico-religiosas com finalidades variadas. Estas ações induziram a criação de crenças e lendas, nas quais os protagonistas eram esses vegetais.

Assim, depois de ingressar na Universidade Federal da Paraíba, no curso de Ciências das Religiões, assistindo a algumas aulas e eventos, percebi que as plantas com estas características, poderiam ser relacionadas com o estudo das religiões. Posteriormente, conversando com aquele que se tornou o meu orientador (Prof. Dr. Johnni Langer), o qual me forneceu alguns elementos que me suscitaram um maior interesse em aprofundar o estudo das “plantas mágicas”, especificamente, no período histórico medieval.

Outra causa propulsora para este estudo, talvez devido a minha origem, italiana, que desde menino considero a Idade Média um período histórico muito intrigante. Dado ao fato de que nas cidades da Itália as pessoas convivem cotidianamente com os muitos vestígios medievais que estão espalhados pelos centros históricos.

Parece um paradoxo, aprofundei meus conhecimentos históricos, religiosos e culturais europeus, após me transferir da Itália para o Brasil. Tudo começou, logo depois da minha chegada em 2013: Estimulado pela minha esposa, voltei a estudar após estar parado por

---

<sup>1</sup> São psicotrópicas as plantas que quando assumidas atuam sobre o nosso sistema nervoso central (CNS)cérebro, alterando de alguma forma o nosso psiquismo. Podem ser: Depressoras: promovem o sono; inibem a ansiedade; aliviam a dor. Estimulantes: promovem as atividades motoras e cognitivas; reforçam a vigília e estado de alerta. Perturbadoras: fornecem alucinações e êxtases. Disponível em: <[http://www.gruponitro.com.br/atendimento-a-profissionais/%23/pdfs/artigos/multidisciplinares/efeito\\_das\\_drogas\\_psicotropicas\\_no\\_snc.pdf](http://www.gruponitro.com.br/atendimento-a-profissionais/%23/pdfs/artigos/multidisciplinares/efeito_das_drogas_psicotropicas_no_snc.pdf)> Acesso em: 31 maio 2019.

décadas. Cursei o ensino médio no EJA (ensino de jovens e adultos), concluído o ensino médio, participei do ENEM, conseguindo uma vaga na UFPB no curso que ora apresento este tcc.

Outro fator importante para a concretização deste tcc, foi a possibilidade de dar continuidade à pesquisa feita no programa institucional de bolsa de iniciação científica (PIBIC 2017-18), no qual estava pesquisando este tema orientado pelo Prof. Dr. Johnni Langer. Deste modo, tive a possibilidade de usufruir do material e da bibliografia já recolhida. Além do que foi dito, escolhemos este estudo por ser um argumento pouco tratado no Brasil.

Assim, nossa pesquisa tem o intento de fornecer um trabalho sobre determinados tipos de plantas que, na Antiguidade e na Idade Média, além de serem usadas para fins terapêuticos, eram também usadas para os fins sobrenaturais ou mágicos. Por este motivo, nosso interesse é fornecer um material que apresente alguns tipos de plantas mágicas, com o objetivo de esclarecer as temáticas ligadas ao seu uso na Idade Média, isto é, conhecer nomes, histórias, lendas e os efeitos que seus usos provocavam nas pessoas.

Apresentar a influência destas plantas na sociedade Medieval, uma sociedade predominantemente cristã, na qual, algumas pessoas que além de perpetuar o uso medicinal das plantas, faziam sobreviver o conhecimento das antigas práticas mágicas, repassando-as de geração em geração. Assim, descrevemos a relação entre a Igreja Católica (entidade religioso-política dominante) com as pessoas que preservavam e praticavam essas tradições relacionadas a práticas mágicas. Tradições estas nas quais o uso das plantas estava bastante presente, seja de forma terapêutica, como também em rituais mágico religiosos. No entanto, estas práticas, no decorrer do Medievo chocaram-se com a ideologia cristã, tornando-se problemáticas.

No nosso primeiro capítulo, mostramos uma ideia básica daquela época, com o escopo de oferecer aos leitores, elementos que os ajudaram a entender melhor a nossa pesquisa. No segundo, apresentamos as curandeiras, feiticeiras e Bruxas. Mulheres peculiares, conhecedoras das plantas mágicas e seus efeitos, bem como a luta da Igreja contra as mesmas e a magia em geral. Por fim, em nosso terceiro capítulo, mostramos a planta da Mandrágora, seus usos, crenças e lendas.

Nossa fundamentação teórica, baseia-se a partir do estudo das fontes primárias que são *L'erbario di Trento* manuscrito italiano do século XV, o *Malleus Maleficarum*, e a *Mandragola* de Maquiavel. Além disso, do estudo de textos (alguns em língua italiana) de autores que são classificados como especialistas nas áreas relacionadas aos estudos referentes a História da Idade Média, Etnobotânica e outros conteúdos pertinentes a nossa pesquisa de PIBIC. Utilizamos uma metodologia qualitativa e descritiva, desenvolvida a partir de um estudo bibliográfico e documental.

## **1 MEDIEVO: ALGUNS ASPECTOS PARA CONTEXTUALIZAR A PESQUISA**

Nesse capítulo, apresentamos alguns aspectos e particularidades de nosso objeto de pesquisa, partindo do medievo. Sendo assim, teremos uma noção básica dos principais fatos históricos que são atinentes a nossa pesquisa

### **1.1 Medievo: Período histórico e sua área geográfica**

Para expor nossa pesquisa indicamos alguns aspectos e fatos do período histórico referente ao nosso objeto de pesquisa. Deste modo, nos resulta apropriado começar situando este espaço de tempo que é denominado Idade Média de maneira cronológica e geográfica. A Idade Média está posicionada entre a Idade Antiga e a Idade Moderna e se refere, mais ou menos aos territórios agora conhecidos como Europa e as áreas do Oriente Médio e norte da África da bacia do Mediterrâneo. Lembramos que em relação à Idade Média é importante especificar que os historiadores a dividem em diferentes períodos historiográficos. Em nosso trabalho empregaremos a metodologia utilizada por Franco Junior, que a divide em quatro períodos: Primeira idade Média, princípios do século V - meados do século VIII; Alta Idade Média, meados séc. VIII - fins séc. X; Idade Média Central, início séc. XI – fins séc. XIII; Baixa Idade Média, início séc. XIV - meados XVI. (FRANCO JUNIOR, 2001, p.271).

No que diz respeito a área geográfica da Europa durante a “transição” da Idade Antiga para a Idade Média, ressaltamos que nesta vasta área viviam vários povos. Porém, a distinção principal a ser feita entre os povos europeus daquele tempo, encontra-se entre os povos da Europa central e do Norte (principalmente os germânicos) e os povos Mediterrâneos do ex- Império Romano (Europa do Sul).

### **1.2 Da Antiguidade para o Medievo: Importantes mudanças políticas, sociais e culturais**

Na Europa central e no Norte viviam os povos germanos, os quais eram chamados pelos romanos de “bárbaros<sup>2</sup>”. Estes povos tinham tradições e hábitos socioculturais diferentes dos

---

<sup>2</sup> Bárbaro: na sua origem, a palavra designa apenas os não gregos e, depois, os não romanos. Mas a conotação negativa adquirida por esse termo torna difícil empregá-lo hoje sem reproduzir um julgamento de valor que faz de Roma o padrão da civilização e de seus adversários os agentes da decadência, do atraso e da incultura. (BASCHET, 2006, p. 49)

povos latinos que faziam parte da área do Mediterrâneo do Império Romano, que como escreve Gombrich (2008, p. 133) “quando no ano de 311 d.C. o Imperador Constantino estabeleceu a Igreja Cristã como um poder no Estado”. Este poder, enraizou-se no Império Romano e, conseqüentemente, sobre os povos que o constituíam, abrindo um novo cenário, no qual a Igreja Católica tornou-se a instituição religiosa oficial dos povos do Império. Assim, pode-se afirmar que sucessivamente

Após o desaparecimento do Império Romano no Ocidente, formalmente assinalado pelo episódio da deposição do imperador infante Rômulo Augusto por Odoacro, chefe da confederação de tribos germânicas dos hérulos (4 de setembro de 476), observa-se a formação de diversos reinos romano-germânicos, ou seja, reinos com populações fundamentalmente de etnia e cultura galo-romana, hispano-romana, ítalo-romana, mas onde o poder ficou sob controle do rei germânico. Dentre os reinos romano-germânicos da Europa destacavam-se o visigótico (na atual Península Ibérica), o ostrogótico e, posteriormente, o lombardo (na atual Itália), os reinos anglo saxões (na atual Grã-Bretanha) e o franco (na atual França). Então o Ocidente profundamente marcado por este encontro e confronto de civilizações, apresentou, com relação ao período anterior um quadro complexo de **continuidades e descontinuidades**. (BIBIANI; TÔRRES, 2002, p. 4 – grifo nosso)

Observando este panorama de mutações da Antiguidade para o Medievo, podemos indicar que os povos germanos tinham uma estruturação social diferente dos romanos, não vivenciavam a noção de estado e de cidade como os romanos. Os germanos moravam em aldeias, nas quais o núcleo social principal era a família, sucessivamente vinham os clãs, que eram compostos da junção de diversas famílias unidas entre elas pelo parentesco e, por último, as tribos, que eram formadas pela união de diferentes clãs. A formação das tribos estava ligada a atividade bélica (uma das principais atividades destes povos). O líder de um clã, guerreiro destemido e vitorioso, conseguia agrupar mais famílias e clãs ao seu redor. Desse modo, tornava-se chefe de uma tribo com um elevado número de pessoas. Outra característica que diferenciava os povos germanos dos romanos era a religião. Os germanos à diferença dos romanos eram politeístas e sua religião era baseada em deuses e divindades do panteão germânico. (BOTHELO, 2012).

Assim, durante o desenvolvimento deste complexo cenário de passagem da Antiguidade ao Medievo, constata-se que a continuidade mais relevante daquele período foi aquela da Igreja Católica. Nesse contexto, a Igreja conseguiu a conversão de alguns reis germanos ao cristianismo. Esta conversão, fez tornar seus súditos em cristãos, sendo que naquele tempo era uma prática que o povo aderisse a religião do rei. Desse modo, a Igreja agindo como um “mediador” realizou a simbiose entre o mundo romano e germano, isto é, criando uma união de forças ao seu serviço, que aumentaram seu poder e a ajudaram, ao longo dos séculos, a se revelar

como a entidade mais poderosa daqueles tempos, conseguindo sua expansão pela maior parte dos territórios da Europa.

Como vimos anteriormente, os germanos, além de ter hábitos sociais diferentes dos povos romanos, tinham uma tradição religiosa politeísta, ainda que os reis e as elites se convertessem ao cristianismo, as pessoas “comuns” destes povos, apesar de serem “cristianizadas”, mantinham as suas tradições pagãs. Mais ou menos a mesma situação religiosa que permanecia em parte nos povos romanos, principalmente nos camponeses, que mesmo cristianizados mantinham tradições pagãs.

Além disso, as diferenças socioculturais juntas com as frequentes atividades bélicas na procura de se apossar dos bens e dos territórios dos outros e no caso da Igreja Católica de expandir seus confins para cristianizar mais territórios, foram entre as principais motivações que levaram pôr séculos a invasões e guerras entre os povos nórdicos ainda pagãos e os povos cristianizados. Todas estas atividades provocavam constantes migrações as quais favoreciam um entrelaçamento entre as diferentes culturas.

A Igreja Católica foi a entidade predominante na formação de uma das características principais do Medievo, o feudalismo. A Igreja, grande proprietária de terras, monopolizava o conhecimento intelectual e influenciou o modo de pensar e a forma de comportamento daquela época. Sobre este argumento Hoffman (2010, p. 105), escreve que “O estudo da dominação ideológica da Igreja Católica durante a Alta Idade Média é importante para a compreensão de como a Igreja conseguiu, durante o período medieval, um poder sobre a população na Europa Ocidental”. Nesse sentido, percebe-se a força da expansão desta nova ideologia religiosa na sociedade da época.

Outra característica do Medievo era o sistema feudal, uma sociedade hierarquizada, fechada e dividida politicamente, em que diferentes nobres tinham o domínio político e militar das próprias terras, arrecadavam impostos dos camponeses e pequenos artesãos, os quais em troca tinham o uso da terra e a proteção militar. A Igreja Católica como única entidade religiosa estava acima das divisões feudais, era apoiada pela nobreza em geral e tinha amplo poder. Sendo responsável pela proteção espiritual, era isenta de impostos e arrecadava o dízimo. Foi neste longo período histórico, no qual o cristianismo estava crescendo e tentando impor-se, que a Igreja procurava erradicar o paganismo, o qual apesar de ser banido pela mesma, mantinha bastantes resquícios cravados na cultura medieval.

Assim, devido a um forte domínio espiritual e intelectual da Igreja, pode-se assinalar que o objetivo primário para o homem era o reino de Deus, conforme o que estava revelado nas Sagradas Escrituras, conseqüentemente o desenvolvimento das ciências era limitado, logo o ser

humano não olhava a natureza para tentar entendê-la e questioná-la, mas para ver os sinais que indicavam as intenções do divino. Diante disso, as ciências não eram consideradas como algo concreto, a Matemática apresentava-se abstrata, os números eram mais valorizados pelo seu simbolismo do que pelo seu valor utilitário prático. Outras ciências como a Mineralogia e a Botânica eram pouco valorizadas e se reduziam a tratados que, descreviam pedras e plantas como elementos possuidores de aspectos mágicos. (FRANCO JUNIOR, 2001)

É nessa época que, por causa da ideologia da Igreja, as ciências tornaram-se estagnadas, a medicina “especializada” não avançava e era carente. Logo, as práticas mágicas permaneciam vivas entre essas pessoas. No entanto, para a sociedade medieval qualquer coisa tinha um referencial sagrado, fenômeno típico das sociedades agrárias, extremamente ligados à natureza

portanto, à mercê de forças desconhecidas e não controláveis. Isso gerava, compreensivelmente, um sentimento generalizado de insegurança. Temia-se pelo resultado, quase sempre pobre, das colheitas. Temia-se a presença frequente das epidemias, que não se sabia combater. Temia-se sobretudo pela vida futura. (FRANCO JUNIOR, 2001, p. 191)

Assim, entendemos que os homens e as mulheres medievais além de viver com medo de guerras e invasões, tinham que enfrentar dificuldades enormes no seu dia-a-dia para conseguir viver ou, em alguns casos podemos dizer, sobreviver.

Naquele tempo, considerava-se que todas as situações da vida que não tinham uma explicação, fossem geradas por forças da natureza que eram desconhecidas e incontroláveis. Desse modo, na sociedade medieval, as pessoas que precisavam de cuidados médicos, entregavam-se nas mãos de conhecedores dos elementos mágicos fornecidos pela natureza, os quais eram capazes de praticar o que nos dias atuais chamamos de herboristeria ou fitoterapia.

Sobre este aspecto, parece que de “fato praticar a profissão médica e a herboristeria não foram somente os médicos, mas também monges, curandeiros e curandeiras, que muitas vezes juntavam práticas herborísticas a rituais mágicos”<sup>3</sup> (VALENTINI, 2010, p. 17-18, tradução nossa). Por isso, podemos dizer que as plantas medicinais, além de serem usadas na medicina, tinham um forte impacto no imaginário coletivo, devido ao seu uso mágico marcante, sendo usadas para tentar curar as doenças, mas também para tentar resolver situações que eram ocultas e inexplicáveis. Provavelmente, perpetuando tradições e métodos antigos que se misturavam com as novas práticas religiosas. Dessa forma, criava-se um confim, muito sutil, entre o sagrado da Igreja e as práticas das tradições mais antigas.

---

<sup>3</sup> “Di fatto a praticare la professione medica e l’erboristeria furono così non solo medici, ma anche monaci, guaritori e guaritrici, che spesso univano pratiche erboristiche a riti magici”. (VALENTINI, 2010, p. 17-18)

Desse modo, retomando ao argumento sobre a prática da Medicina, pode-se dizer que naquele tempo a preparação dos remédios para curar as doenças, estava estritamente ligada ao uso das plantas, as quais, como vimos em uma das citações antecedentes, eram consideradas como algo possuidor de aspectos mágicos. Já a Igreja, ao invés, tinha uma visão bastante particular sobre a Medicina e as curas. Assim, conforme Franco Junior (2001 p.143) a “Medicina estava limitada pela ideia de que o doente é um pecador cuja cura residia na atuação da Igreja (orações, sacramentos, exorcismos, etc)”.

Percebemos assim, que o “mundo” medieval, tornou-se bastante estático intelectualmente e cheio de limitações, regradas pela doutrina pregada pela Igreja. Desse modo, as pessoas passaram a enfrentar importantes mudanças socioculturais, principalmente as ligadas à doutrina cristã, que ditava novas regras a serem seguidas. Regras estas, que afetaram as tradições e o modo de viver das pessoas, bem como sua percepção em relação ao universo e o mundo. Com isto, passaremos ao próximo capítulo no qual apresentaremos algumas específicas categorias de pessoas que foram atingidas por estas mudanças.

## **2. CURANDEIRAS, FEITICEIRAS E BRUXAS, MULHERES PECULIARES CONHECEDORAS DAS PRÁTICAS MÁGICAS, DA NATUREZA E DOS EFEITOS DAS PLANTAS**

Nesse capítulo, apresentamos aspectos que estão relacionados com aquelas pessoas, que no passado tinham um profundo conhecimento das virtudes das plantas, das ervas, das sementes e das raízes. Entre elas citamos aquelas que praticamente sabiam dominar todos os elementos do mundo vegetal e os usavam, tanto para usos terapêuticos, quanto para uso mágico. Em particular, analisamos o que concerne às pessoas de sexo feminino. Embora, lembrando que não era uma prerrogativa exclusiva feminina, mas também os homens tinham estas faculdades. Apresentaremos qual era o papel destas mulheres peculiares na sociedade medieval, no que diz respeito as práticas, que nos dias atuais poderíamos identificar como uma mistura de fitoterapia e rituais mágicos. Rituais que reconduzem a tradições e crenças antigas, os quais davam as plantas um significado mais amplo daquele estreitamente medicinal. Estas mulheres conheciam os efeitos curativos e provavelmente também os efeitos psicotrópicos de alguns destes vegetais. Com o passar do tempo, a Igreja começou a considerar as práticas mágicas e conseqüentemente estas mulheres, como um perigo à sociedade e inimigas da ideologia cristã. Por isso, deveriam ser perseguidas.

### **2.1 De curandeiras e feiticeiras à bruxas**

No passado, aquilo que estava ligado ao mundo vegetal em especial modo ao uso e conhecimento das plantas e das ervas, foi muitas vezes considerado uma prerrogativa das mulheres. Segundo Valentini (2010) eram elas as responsáveis da colheita das ervas e das plantas silvestres e trabalhavam cuidando das hortas de casa. Sendo assim, algumas delas, chamadas de curandeiras, além de conhecer as plantas a seres usados na culinária, conheciam aquelas com virtudes curativas para a preparação de infusões, decocções e unguentos.

Estas mulheres, tesoureiras do conhecimento do mundo vegetal, que era repassado de geração em geração e baseado em saberes e crenças antigas tinham um papel fundamental na sociedade, elas eram manipuladoras da natureza e transformavam os elementos do mundo vegetal em algo para cuidar da saúde, como também dos problemas relacionados ao desconhecido, através de práticas mágicas. Assim,

Já no I século depois de Cristo, Plínio<sup>4</sup> lamentava-se que, apesar de muitos conhecimentos, já estivessem reconhecidos pela ciência da época, no povo ainda prevalecia a crença na base da qual alguns eventos aconteciam devido a incantesimos e práticas herborísticas, ditados da "ciência" popular de algumas mulheres<sup>5</sup>. (VALENTINI, 2010, p.13, tradução nossa)

Analisando a citação acima, percebemos que para os eruditos como Plínio mesmo existindo uma ciência, a maioria das pessoas acreditavam nos poderes de algumas mulheres detentoras de conhecimentos “mágicos”. Assim, essas pessoas, em particular as mulheres que tinham a responsabilidade de cuidar da família e de si mesma, quando precisavam de curar-se ou curar um familiar, entregavam-se nas mãos das curandeiras que provavelmente juntos aos curativos, praticavam algum artifício mágico.

Para Valentini (2010), na antiguidade e no Medievo, as curandeiras, além de ser conhecedoras e dominadoras dos vegetais para as curas de maneira geral, eram “especializadas” no enfrentar as problemáticas que são exclusivas do universo biológico feminino como menstruação, gravidez, partejar e abortar. Portanto, auxiliando-se do uso das plantas, enfrentavam e tentavam resolver todas estas situações. Situações estas, que naquele tempo eram praticamente assuntos exclusivos das mulheres e por isso, excluídos ao mundo masculino. Desse modo, criava-se uma visão enigmática sobre as mulheres, seres em grau de salvar e gerar vida, mas também criando uma ideia de ser maligno capaz de trazer a morte. “Isto nascia do mistério que por muito tempo assustou os homens na frente de quem, por sangrando (na forma de menstruação), não morria, mas regenerava suas forças vitais e dava a vida<sup>6</sup>.” (VALENTINI, 2013, p.13 - tradução nossa).

Sendo assim, estas mulheres chamadas de curandeiras, de um lado eram vistas como sujeitos positivos, conhecedoras dos segredos da vida e podiam ajudar. Do outro lado, eram vistas com desconfiança, devido ao medo que provocavam os seus conhecimentos e práticas. Por estes motivos, já na Antiguidade várias mulheres que tinham estas habilidades foram

---

<sup>4</sup>“Caio Plínio o Segundo, conhecido como o Velho, era um erudito e naturalista, nasceu em Como em 23 d. C. e morreu durante a erupção do Vesúvio em 79 d. C.; entre suas obras permanece fundamental *Naturalis Historiae*, uma espécie de enciclopédia na qual é reportado todo o conhecimento da época e que, por muitos séculos, permaneceu um importante ponto de referência no estudo das ciências”. Traduzido das notas: (VALENTINI, 2010, p.14) – “Gaio Plínio Secondo, detto il Vecchio, fu un'erudito e un naturalista, nato a Como nel 23 d.C. e morto durante l'eruzione del Vesuvio del 79 d.C.; tra le sue opere rimane fondamentale *Naturalis Historiae*, una sorta di enciclopedia in cui si riporta tutto il sapere dell'epoca e che, per molti secoli, rimase un'importante punto di riferimento nello studio delle scienze. (VALENTINI, 2010, p.14)

<sup>5</sup> “Già nel I secolo dopo Cristo, Plinio si lamentava che, nonostante molte conoscenze fossero ormai riconosciute dalla scienza di allora, nel popolo ancora prevalesse la credenza in base alla quale alcuni avvenimenti accadevano per malie e pratiche erboristiche, secondo la “scienza” popolare di alcune donne”. (VALENTINI, 2010, p.13)

<sup>6</sup> “Questo nasceva dal mistero che per molto tempo ha spaventato gli uomini di fronte a chi, pur perdendo sangue (sotto forma di mestruazioni), non moriva, ma rigenerava le sue forze vitali e dava la vita”. (VALENTINI, 2010, p.13)

apontadas de praticar a feitiçaria. Prática esta que, segundo o conceito de Langer (2017) refere-se a um “conjunto de crenças e práticas mágicas do mundo rural europeu relacionadas frequentemente com a adivinhação do futuro, necromancia, controle climático, curandeirismo e artes amorosas.” Percebemos assim, que estas mulheres além de ter a competência de fornecer curativos, acreditava-se, que tivessem a faculdade de manipular as pessoas, a natureza, e interceder com o sobrenatural.

Assim, podemos levantar a hipótese que a literatura grega, com as famosas personagens Circe como encontra-se na *Odisséia* e Medéia nos *Argonautas*, influenciou os letrados medievais na criação de um imaginário sinistro e negativo da figura da feiticeira. Circe, narrada nos famosos poemas homéricos, tinha o poder de encantar e submeter as pessoas, em particular os homens, bem como transformá-los em animais. Já Medéia, usou seus poderes mágicos para ajudar Jason e os *Argonautas* na busca do *Velo de Ouro*. Sucessivamente, depois que Jason a traiu, ela usou seus poderes para se vingar.

Como descreve Pinheiro (2012), entende-se que, entre as atividades das feiticeiras, uma das suas competências era a produção de filtros e poções mágicas, que eram usados em alguns casos com a intenção de despertar uma paixão que aprisionaria a pessoa amada. Acredita-se que os filtros eram bastante usados no Medievo. Por exemplo, as mães das donzelas da corte os forneciam as filhas com o intuito de que os filtros lhe proporcionassem a ajuda “mágica” necessária para conseguir que o encontro com um nobre “importante” se transformasse em uma paixão desenfreada e sucessivamente em um ótimo casamento. De mesmo modo que eram usados pelas donzelas esses filtros eram usados por algumas das muitas jovens mulheres camponesas que viviam no desconforto e insatisfeitas da própria situação social, com a esperança de casar-se com um comerciante ou um artesão, figuras sociais, que forneciam uma condição socioeconômica melhor que as dos camponeses. Por este motivo, algumas destas jovens apoiavam-se na crença de que a ajuda de um filtro, poderia ser determinante para conseguir o objetivo de acender e garantir a paixão daquele homem desejado. A respeito dos filtros Pinheiro aponta que

Alguns causavam excitação e deviam perturbar os sentidos, como os estimulantes que de tanto abusam os Orientais. Outros eram perigosas (e muitas vezes péfidas) beberagens de ilusão que podiam entregar a pessoa sem vontade. Outros, enfim, foram experiências com que se desafiava a paixão, com que se queria ver até onde o desejo ávido poderia transportar os sentidos, fazê-los aceitar, como favor supremo e comunhão, as coisas menos agradáveis, que viessem do objeto amado. (PINHEIRO, 2012, p 63, *apud* MICHELET, 2003, p.111).

Na composição dos filtros, eram usados vários materiais de origem vegetal, mineral e animal. Entretanto, resulta bastante claro que não faltava o utilizo das plantas consideradas mágicas, cujas drogas<sup>7</sup>, alterassem o estado físico (excitação) e mental (ilusões, alteração dos sentidos) de quem a consumariam. Condições que poderiam levar estas pessoas a ter comportamentos que em um estado psicofísico “normal” não teriam. Isto posto, o contínuo uso das várias práticas mágicas, portou no decorrer do medievo, ao aumento da intolerância por parte da Igreja em relação a feitiçaria que a transformou em bruxaria. Assim, segundo Langer (2017) seria:

Um imaginário criado a partir da Idade Média Central sobre as práticas mágicas e a feitiçaria, cujos membros (as bruxas) seriam participantes de uma seita coletiva e herética para adorar Satã por meio do pacto diabólico, em uma reunião especial, o sabá. É o produto mais complexo do discurso antimágico produzido pelas instituições religiosas do Ocidente. (LANGER, 2017)

Percebe-se que na Idade Média Central, a Igreja atribui às feiticeiras a prática de atividades demoníacas, as quais vão somando-se àquelas para fins de curandeirismo e as outras atividades mágicas já elencadas anteriormente. Nesse sentido, não devemos configurar esses sujeitos numa só definição, pois atendendo o que se encontra relatado no prefácio de Russel e Brooks (2008), não podemos apelidar de Bruxa todos os sujeitos que tinham conhecimento das ervas das plantas e praticavam a magia. Dado que, como exposto por Langer (2017), a bruxaria foi uma criação da Igreja Católica, pois não se encontra essa definição antes do século XIII. Assim, a partir da Idade Média Central instaurava-se na sociedade uma nova imagem das mulheres feiticeiras, que acusadas pela Igreja de adorarem o demônio e praticarem atos diabólicos, tornaram-se potenciais bruxas.

Sendo assim, notamos que a diferente nomenclatura atribuída a estas mulheres, pode ser interpretada como uma evolução do imaginário em diferentes períodos históricos específicos. Desse modo, aquelas que foram consideradas curandeiras e feiticeiras por um longo tempo a partir da Idade Média Central podiam tornar-se bruxas devido a uma mudança radical do pensamento da Igreja a respeito destas mulheres e suas práticas.

Nos confrontos destas mulheres peculiares conhecedoras dos segredos de plantas e ervas, temos outro aspecto interessante a ser apresentado, isto é, o aspecto erótico-sexual, considerado presente nas manifestações satânicas de bruxaria. Nesta perspectiva, a luxúria era

---

<sup>7</sup>A origem da palavra droga, vem da palavra droog (holandês antigo) que significa folha seca. Isto porque, antigamente, a maioria dos medicamentos era à base de vegetais. *Droga*: qualquer substância que é capaz de modificar a função dos organismos vivos, resultando em mudanças fisiológicas ou de comportamento. Informações disponíveis em: <<https://www2.unifesp.br/dpsicobio/drogas/defini.htm>>. Acesso em: 30 abr. 2019

um tabu indicado como “pecado capital” pela Igreja Católica. Ainda mais, se estes atos fossem teoricamente praticados juntos com o diabo e outros seres demoníacos. Nesse mesmo sentido, mulheres que viviam no desconforto e insatisfeitas da própria situação social, utilizando unguentos psicotrópicos, preparados com plantas mágicas, conseguiam sair de um estado mental real, entrando em uma dimensão onírica.

É tradicionalmente indicado que as mulheres se denudassem e efetuassem massagem usando unguentos misteriosos, para “voar” ao encontro luxurioso com satanás, sátiros e outros seres demoníacos. Este unguento entrando na circulação sanguínea, destas mulheres, através dos poros da pele, induziam-nas em um “êxtase psicodélico” produzido pelas substâncias psicotrópicas de ervas e plantas. Valentini (2010) observa que existem relatos de análises feitas nos ingredientes de algumas supostas “poções mágicas”, as quais revelaram a presença de drogas psicotrópicas alucinógenas, que podem transmitir a sensação de voar, excitações comparáveis com o orgasmo e produzir visões fantásticas.

Dessa forma, é possível que estas mulheres tivessem experiências comparáveis a “sonhos” eróticos, solicitadas da ação alucinógena do unguento massageado nas partes erógenas do corpo. Teoricamente ao término do efeito das drogas, poderiam haver a convicção de ter voado e ter tido belos encontros “amorosos” com homens e seres imaginários, os quais as faziam felizes, uma vez que produziam experiências bem diferentes da realidade do cotidiano delas. Aparentemente, estas experiências refletiam seus próprios desejos, haja vista que as mesmas contavam suas viagens e encontros como fatos reais.

Estas mulheres, provocavam suas “ilusões” através do uso de algumas plantas das quais bem conheciam os efeitos “mágicos”. Sobre os efeitos destas plantas Drury escreve;

De acordo com o antropólogo americano Michael Harner, as bruxas européias friccionavam seus corpos com unguentos alucinógenos feitos de plantas como a beladona (*Atropa belladonna*), Mandrágora e meimendo (*Hyoscyamus*); o constituinte psicodélico, **atropina**, era absorvido através da pele. Isso produzia a sensação visionária de fazer uma “viagem” usando uma vassoura e encontrando-se com outras bruxas e demônios no sabá<sup>8</sup>. (DRURY, 2004, p. 108 – tradução e grifo nosso)

---

<sup>8</sup> “Flying ointments lotions rubbed on the skin end used by medieval witches to produce states of dissociation, trance, and the perception of having flown to the witches Sabbath. According to American anthropologist Michael Harner, European witches rubbed their bodies with hallucinogenic ointments made from such plants as deadly nightshade (*Atropa belladonna*), mandrake (*Mandragora*) and henbane (*Hyoscyamus*); the psychedelic constituent, atropine, was absorbed through the skin. This produced the visionary sensation of going on a “trip” on a broomstick and meeting with other witches and demons at the Sabbath”. (DRURY, 2004, p. 108)

Nesse modo, percebemos que estas plantas possuem **atropina**<sup>9</sup>, um **anticolinérgico**<sup>10</sup>, que provoca delírios e alucinações. Assim, acredita-se que em relação as ilusões visionárias sofridas por estas mulheres, nos processos inquisitórias às bruxas, os relatos luxuriosos atribuídos a elas, quando estavam juntas aos demônios, às vezes eram sugeridos pelos mesmos inquisidores. Isso, devido à presumida dificuldade de haver claras lembranças por causa do efeito psicoativo das plantas.

Sobre este argumento, Samorini (2016) indica que estes vegetais provocam no ser humano um tipo de experiência alucinógena particular, que ele define do tipo *delirogeno*, ou seja, que induz em um estado de delírio. Outra particularidade destas experiências, está na dificuldade da pessoa de se lembrar, daquilo que foi vivenciado durante a “viagem” provocada pelas substâncias entorpecentes das plantas.

Conseqüentemente, podemos supor que provavelmente um dos motivos da criação da imagem negativa destas mulheres era devida às circunstâncias causadas pelos efeitos destas plantas psicoativas. Efeitos que, por exemplo, podiam apresentar a pessoa que a utilizasse como “desligada” em um estado de transe ou tão excitada a ponto de parecer “possuída” e incapaz de se controlar, mostrando uma atitude fora do “normal”.

O efeito *delirogeno* destas plantas, induzia estas mulheres em experiências visionárias e comportamentais que eram fora dos cânones aceitos pela Igreja. Estas experiências podiam acontecer durante rituais curativos e/ou mágicos. Assim, supomos que a alteração psicofísica destas mulheres seria um dos motivos que acrescentou sua má reputação e induziu os defensores da ideologia cristã, daquele tempo, a considerá-las como pessoas em contato com seres demoníacos.

Nesse sentido, no que se refere ao uso dessas ervas, encontramos no *Malleus maleficarum*, um tratado redigido entre 1486 e 1487 que relata a respeito da luta contra a bruxaria, no qual várias referências são relacionadas às ervas e ao poder que essas teriam nas práticas realizadas pelas mulheres acusadas de serem feiticeiras ou bruxas. Assim, no trecho do *Malleus maleficarum* (2015, p. 572-573), que se refere à fala de Santo Agostinho em *De Ciuitate Dei*, XXXVI: está escrito, “[...] Demônios utilizam nas suas operações materiais inferiores – ervas, pedras, animais e mesmo certos sons, vozes e figuras [...]”. Notamos nesse

---

<sup>9</sup>Plantas que produzem substâncias anticolinérgicas, como a atropina e a escopolamina. [...] Os efeitos no sistema nervoso central são os de um processo alucinatório, podendo durar de um a três dias. [...] As visões são geralmente de cenas horripilantes (animais, plantas, cadáveres). Visões agradáveis são raras. Disponível em: <<https://www2.unifesp.br/dpsicobio/drogas/antico.htm>> Acesso em: 19 jul. 2019.

<sup>10</sup> Para maior aprofundamento ver site da UNIFESP. Disponível em: <[https://www2.unifesp.br/dpsicobio/cebrid/quest\\_drogas/anticolinergicos.htm#4](https://www2.unifesp.br/dpsicobio/cebrid/quest_drogas/anticolinergicos.htm#4)> Acesso em: 19 jul. 2019.

breve relato que as ervas são indicadas como um dos elementos utilizados pelo demônio nas suas operações maléficas. Entretanto, em outra parte desse texto (p. 661), vemos que “[...] algumas pessoas são capazes de realizar bruxaria através de certas ervas e de certos fatores ocultos, sem o auxílio de Demônios [...]. Neste caso, podemos deduzir que no entendimento dos autores do *Malleus*, as ervas teriam propriedades especiais próprias, ou seja, seriam um dos elementos que as bruxas poderiam utilizar para seus propósitos.

Fig. 1 – Cópia do *Malleus Maleficarum* (1519) Cópia do texto original produzida em 1519 que pertenceu aos barões Wolkenstein-Rodenegg - Biblioteca da Cornell University – Ithaca -NY



Fonte: Internet.

Além disso, no *Malleus maleficarum* (p. 665-666), encontramos a citação: “[...] certo é que as ervas e a música são capazes de modificar a inclinação dos corpos criaturais e, conseqüentemente, de mudar as emoções. Isso é evidente no caso das ervas, já que algumas deixam os homens alegres, outras os deixam tristes [...]”. Captamos nesse segmento do texto, no que se refere às ervas provocarem no homem um estado de alegria ou tristeza, uma referência das características desses vegetais, a ponto de pensarmos um possível conhecimento das propriedades psicoativas de algumas dessas ervas, por parte desses autores. Assim, essa

suposição, confirmaria que certas ervas teriam atributos especiais e que esses atributos eram conhecidos naquele período histórico.

Dessa forma, o uso desses vegetais nas práticas das feiticeiras, tornou-se um dos elementos que contribuiu à formação do pensamento pelo qual necessitava reprimir e afastar das pessoas estas tradições herdadas dos povos mais antigos que o cristianismo definia como pagão. Logo, o uso dessas ervas relacionadas com a magia e todos seus artifícios, foi considerado como algo ao serviço do maligno, por isso deveriam ser erradicados.

## **2.2 A Igreja medieval e sua luta contra as práticas mágicas**

A magia tem origens milenares e sua prática acredita-se estar presente na maioria das culturas antigas. Estas práticas repassaram-se de geração em geração, de séculos em séculos até chegar aos dias atuais, encontrando-se ainda presente em várias culturas espalhadas pelo mundo. Assim, Langer (2017) define a magia como “Conjunto de crenças e práticas religiosas relacionadas ao controle da natureza e do sobrenatural, de caráter variável, polimórfico e regional, geralmente combatida pelas instituições sociais vigentes no Ocidente desde a Antiguidade.”

Para quem acredita na magia, parece que a mesma seja como uma força natural, que se manifesta através de rituais praticados por sujeitos específicos, os quais se acredita possuir a capacidade de manipular as forças da natureza e exercer influência sobre o ser humano. Estes sujeitos são conhecidos como magos, feiticeiros/as, bruxos/as, xamãs, etc., estas pessoas, presumivelmente haviam a capacidade de exercer uma ação nos seres humanos ou na natureza, tanto de maneira positiva como negativa.

O advento do cristianismo e sua implantação oficial no Império Romano e a sucessiva expansão da Igreja Católica, aos poucos estava substituindo as religiões greco-romanas. Nos seus primeiros séculos após seu surgimento a nova instituição religiosa objetivava extinguir o paganismo e implantar na sociedade um novo conceito sobre o modo de viver ligado a sua doutrina. Para conseguir seu objetivo a nova religião cristã andava integrando e adaptando alguns aspectos da cultura pagã para que desse modo o povo se identificasse mais nela e de consequência sua absorção seria mais fácil.

Assim, na Primeira Idade Média, de um certo modo, a cultura clerical aceitava partes da cultura folclórica popular, por existir elementos mentais comuns entre elas, principalmente apresentavam uma certa confusão entre o material e o espiritual observados no culto às relíquias e crenças nos milagres. Uma das necessidades do clero, era operar adaptações culturais para

conseguir evangelizar o povo com mais facilidade. Ao mesmo tempo a conduta clerical que prevalecia era de renegação a cultura vulgar. A Igreja andava destruindo templos e colocando práticas e figuras cristãs em substituição das correspondentes pagãs, mudando o significado dos eventos folclóricos tradicionais. Em suma, a separação cultural entre o mundo pagão e a Igreja encontrava-se principalmente na diferença entre os caracteres ambíguo e o racional, ou seja, da ambiguidade na cultura folclórica “que via forças boas e más ao mesmo tempo” e do racional, separador do bem e do mal, do verdadeiro e do falso, assimilado pelo cristianismo do racionalismo da cultura aristocrática greco-romana. (FRANCO JUNIOR, 2001)

Nota-se que neste período um dos objetivos mais importantes da Igreja fosse tentar de extirpar do povo as religiões pagãs e as práticas mágicas, sendo que para o cristianismo ambas representavam a mesma coisa, as duas são idólatras e representam crenças e cultos antigos e por isso são consideradas um conjunto de superstições. Portanto, como nos apresentou Franco Junior, para conseguir no seu intento de agilizar a conversão das massas pagãs ao cristianismo, percebe-se que o clero adotou algumas “estratégias”.

Por isso, de um lado havia rejeição das práticas pagãs, do outro, a recusa das tradições folclóricas da parte das instituições religiosas envolvia algumas concessões ao pensamento do povo camponês. Principalmente, a aceitação dos elementos maravilhosos “intervenções naturais milagres” que estavam presentes na hagiografia. Nesta realidade social a capacidade de ler e escrever, era reservada prevalentemente às elites e aos clérigos. Assim, neste contexto as vidas dos santos terminavam como uma parte crucial na junção com as massas. A Igreja colocou em competição o maravilhoso cristão da hagiografia “possivelmente baseado nos milagres da Bíblia”, com o maravilhoso folclórico. Além disso, a Igreja, empossou-se e adaptou vários rituais folclóricos introduzindo-os nas práticas religiosas oficiais. (GINZBURG, 1972).

Assim, desde sua implantação, a Igreja tenta impor a sua doutrina ao povo, no entanto as bases folclóricas ligadas a magia estão ainda muito presentes. Para Ginzburg (1972), ao lado da religião oficial da Igreja encontra-se uma “religião popular”. Deste modo, para os fiéis, crenças supersticiosas e práticas mágicas “amorosas ou de outro tipo” como aquelas que são mencionadas nos penitenciais, eram consideradas compatíveis com as crenças e os ritos cristãos. Nesse sentido, a Igreja, via neles, unicamente o resultado da ignorância e grosseria da plebe. Uma vez que, isso seria o resultado inevitável da obra de evangelização misturada com as crenças precedente. Por este motivo, a Igreja trabalhava para rejeitar e condenar a inserção de elementos folclóricos nas suas manifestações religiosas.

Desse modo, Ginzburg (1972) relata que no sínodo realizado na cidade de Pavia, na Itália, as elites da Igreja criticavam veementemente os monges e os clérigos. Visto que, nas suas

obras de difusão do cristianismo, estavam transmitindo “vários erros e *inutiles questiones*, misturando nas cerimônias eclesiásticas danças e cânticos obscenos à semelhança dos pagãos, enganando, desse modo, os ânimos dos simples”<sup>11</sup> (GINZBURG, 1972, p. 9 – tradução nossa)

Assim, por vários séculos, nos sínodos e nos concílios a Igreja criticou as várias cerimônias que eram ligadas à cultura folclórica popular, ainda percebida como uma ameaça. Como por exemplo, as manifestações orgásticas realizadas durante algumas festas religiosas que apresentavam, de maneira mais ou menos mascarada, o culto à fertilidade dos povos camponeses. Manifestações que de pouco a pouco tornaram-se em algo quase institucionalizado. A apresentação periódica destas festas de origem folclórica antiga, como a de São João ou a de carnaval, agia como um escape para descarregar as tensões, e funcionava como um importante fator de equilíbrio social. (GINZBURG, 1972)

Assim, nota-se a distância entre as ideias das altas esferas da Igreja (entendida como instituição) e os clérigos que viviam no meio do povo, clérigos os quais, praticavam a religião cristã de uma maneira um pouco particular, entrelaçando os elementos religiosos do cristianismo com as práticas folclóricas de origem pagãs. Estes aspectos diferentes de viver a religião adotados por esses clérigos, que atuavam com os camponeses e as outras realidades sociais simples, podiam ser, talvez, no pensamento deles uma forma mais rápida e menos impactante para conseguir os seus fins. Isto posto, podemos supor que tais clérigos faziam isso, pensando que o fim (conversão das massas camponeses ao cristianismo) justificasse o meio (aceitação de elementos folclóricos ou pagãs nas práticas cristãs).

Nas elites da Igreja, um dos nomes mais influentes relacionados a luta contra o paganismo e as práticas mágicas foi Santo Agostinho, que nas suas obras *A Doutrina Cristã e A Cidade de Deus*, considera os cultos pagãos e as práticas mágicas como obras do demônio. Dessa maneira, De Moraes escreve que; “Nas duas obras, Agostinho define os demônios como seres intermediários entre o humano e o divino, mas que estão associados à magia e à superstição do povo comum” (DE MORAES, 2016, p.172). Deste modo, podemos interpretar que para Santo agostinho, os pagãos acreditando cultuar os deuses e praticando rituais mágicos, na realidade estavam cultuando o demônio. Assim, com esta interpretação a Igreja no curso da Primeira Idade Média e da Alta Idade Média considerou a magia e os cultos pagãos como um efeito das ilusões demoníacas. Neste período, os clérigos trabalhavam muito para fortalecer a teologia cristã, mas ao mesmo tempo a magia e suas práticas permaneciam bem vivas entre o

---

<sup>11</sup>“molteplici errori e «inutiles questiones», mescolando alle cerimonie ecclesiastiche balli e canzoni oscene a somiglianza dei pagani, e ingannando cosí gli animi dei semplici”. (GINZBURG, 1972, p. 9)

povo, o qual, como vimos anteriormente, recebe a nova religião, mas não se destaca das antigas tradições.

Portanto, segundo Delumeau (2009), neste período vários imperadores e reis cristãos, entre eles Justiniano, no Oriente, Childerico III, Carlos Magno e Carlos II chamado também de Carlos o Calvo no Ocidente, ameaçaram que as pessoas que se dedicassem as práticas mágicas, seriam punidas severamente. Ao mesmo tempo os concílios censuravam a magia e quem a praticava. No entanto, a Igreja da primeira Idade Média e Alta Idade Média manifestava-se a favor da clemência e prudência em relação aos culpados de praticar a magia. Considerava-se mais oportuno deixar-lhe viver a “fim que fizessem penitência”, como explicava uma carta do arcebispo alemão Leão VII. Em uma outra carta escrita pelo Papa Gregório III ao rei da Dinamarca indicava que “era preciso evitar perseguir mulheres inocentes sob proteção de tempestades e epidemias” (DELUMEAU, 2009, p. 523). Além disso, o famoso documento *Canon Episcopi*, guia das visitas episcopais, redigido aproximadamente em 906 e requerido pelo arcebispo de Tréves, acusava como ilusória a antiga crença, na qual certas mulheres acreditavam participar em cavalgadas noturnas, por ordem da deusa dos romanos, Diana. O documento indicava que acreditar em tais ilusões era o mesmo que se deixar enganar por Satã. Sendo assim, referindo-se a ilusões e não a fatos reais não era o caso de punir.

Com isso, entende-se que a Igreja, ao contrário das leis imperiais, estava orientada em punições mais clementes. Neste período, no qual os territórios eram fragmentados, a Igreja trabalhava bastante para manter e impor nos impérios a sua autoridade político-legislativa, além daquela religiosa. Como indicado por Berti (2017), o documento intitulado *Concordia discordantium Canonum* (Acordo entre cânones discordantes), que foi redigido aproximadamente em 1140 pelo monge Graciano (jurista camaldulense), pode nos ajudar a entender alguns aspectos da Igreja daquele período. Esse documento, organizava as normas jurídicas da Igreja Católica Romana, a qual estava praticamente separada da Igreja Bizantina (o “Cisma” entre Romana, Ocidente e Bizantina, Oriente aconteceu oficialmente em 1054). Esta obra, pretendia regularizar, de modo uniforme, as atividades dos fiéis e as relações entre a instituição Igreja e os reis. Isto refere-se a um período, no qual o papado estava em uma disputa com os reis Germânicos, os quais elegiam bispos-condes submetidos as próprias diretas autoridades. Com este documento, a Igreja tentava impor a sua supremacia e autonomia. Graciano na primeira parte de sua obra, *Distinctio*X, estabelecia que as leis imperiais, não tinham a autoridade para afetar o direito eclesiástico, dado que as leis do imperador são leis humanas, por isso inferiores às leis divinas. Esta obra de Graciano sucessivamente chamada

*Decretum Gratiani*, tornou-se um verdadeiro código de direito canônico, por este motivo a obra de Graciano teve uma enorme relevância na história do cristianismo ocidental.

Para Berti (2017) a segunda parte da obra de Graciano existe um capítulo no qual o autor enfrenta a questão da feitiçaria e bruxaria. Este capítulo intitulado *Quaestitio XXVI* é dedicado à adivinhação e sortilégios. Importante ressaltar que está totalmente separado daquele dedicado à heresia. Nele relatam-se vários tipos de magias, encantamentos, adivinhações e oráculos. Neste texto se enfrenta a questão das punições para quem pratica magia e cultos pagãos. Dessa forma, apesar de afirmar que muitas destas crenças são ilusórias, por isso, absolutamente inconcebível “entre elas o voo mágico”, Graciano confirma que as pessoas que se prestam a tais práticas estão em conexão com os demônios.

Sobre a aplicação das punições Graciano “limitava-se a lançar anátemas, invocar penitências e proibições para participar da comunhão por um certo número de anos”<sup>12</sup> (BERTI, 2017, p.45 – tradução nossa). Ainda segundo Berti (2017) para as pessoas comuns a punição máxima a ser aplicada aos recidivos, era a expulsão da igreja. Enquanto que aos monges e aos clérigos que se dedicavam a práticas mágicas e ao culto dos ídolos à excomunhão. A leveza destas punições, estava fundada por Graciano na base de documentos eclesiásticos mais antigos, como o *Canon episcopi*, os quais endereçavam mais em corrigir que punir os infratores.

A Igreja ao longo do seu constante e gradual processo de ascensão, segue controlando e punindo quem continuava praticando atos ligados aos exercícios da magia, mas, as punições que aconselhava, podem ser consideradas leves em relação daquelas ameaçadas por imperadores e reis. Assim, constata-se que o problema das práticas mágicas, mais ou menos até o final do século XII, pode ser considerado secundário para a Igreja.

Por esse motivo, para entender as causas que levaram a Igreja a mudar sua atitude nos confrontos da magia, temos que voltar um pouco atrás, isto é, no século X. Neste período, a Igreja Católica começou a sentir-se ameaçada pelos movimentos religiosos considerados heréticos. Movimentos que deviam ser combatidos por serem considerados como perigosas seitas que não aceitavam a ortodoxia estabelecida pelo catolicismo.

Entre as várias heresias do período medieval a cátara é a mais representativa, expandiu-se a partir do século X para uma vasta área do território Europeu, que vai dos Pireneus as Alpes orientais, incluindo o sul da Alemanha e a Planície Padana ao norte da Itália. Nasceu no sul da França principalmente na cidade de Albi, por isso, os Cátaros também eram chamados de albigenses. Os conflitos entre Cátaros e católicos começaram de maneira moderada. No sul da

---

<sup>12</sup> “[...]si limitava a gettare anatemi, invocare penitenze e divieti di partecipare alla comunione per un certo numero di anni”. (BERTI, 2017, p. 45)

França os hereges que expulsavam os representantes da Igreja Católica eram apoiados por vários nobres, conseqüentemente, eles viam a possibilidade de se empossarem dos bens da Igreja. A expansão dos hereges aumentava constantemente, em 1017 os Cátaros conquistaram quase totalmente a cidade de Orleans, na França. Por este motivo o rei francês Roberto II, conhecido também com o apelido de Roberto o Piedoso, preocupado com os acontecimentos, foi com o exército em Orleans e instituiu um processo, condenando à morte as pessoas que não repudiavam a heresia. Depois dele, outros reis e nobres comportaram-se da mesma forma para impedir o propagar-se destes movimentos. (BERTI, 2017)

Nota-se de um lado que reis e outros representantes da nobreza combatiam e expulsavam das suas cidades e das suas terras os Cátaros, os quais, por outro lado conquistavam outras cidades e expulsavam os católicos. Em várias regiões europeias a ordem pública encontrava-se numa situação gravíssima. Foi durante o concílio lateranense de 1170, que as doutrinas cátaras foram formalmente condenadas. Foi no “sínodo realizado em Verona em 1184 e presidido pelo Papa Lúcio III e pelo imperador da Alemanha Frederico Barba-ruiva que levou à redação de um documento, *Ad abolendam diversarum haeresum pravitatem*, que deu início a luta contra todas as heresias.”<sup>13</sup> (BERTI, 2017, p. 47 – tradução nossa). Sucessivamente, foram redigidos outros documentos que incrementaram a perseguição aos hereges, entre eles as bulas papais: *Licet ad capiendos* (1233) de autoria do Papa Gregório IX; *Ad extirpanda*, redigida pelo papa Inocêncio IV; *Clementina Saepe Contingit* (1306), de autoria do Papa Clemente V. Todas incrementaram a perseguição aos hereges.

Na sua luta contra a heresia, a Igreja perseguiu não somente os Cátaros, mas também os Hebreus e outros movimentos, como os Valdenses e os Beguinos. Para combater as várias formas de heresia e tentar restabelecer o seu domínio religioso na sociedade, a Igreja chamou os representantes de uma ordem de pregadores mendicantes, que mais tarde receberá o nome do seu fundador o monge espanhol Domingos de Gusmão (1171-1221). Um líder e hábil orador que incansavelmente enfrentava em público os bispos Cátaros para contrapor-se a suas doutrinas. No início a atuação dos dominicanos alcançou consideráveis sucessos, graças à preparação doutrinal e a alta moralidade dos seus pregadores. Entretanto, num determinado momento, a propagação das ideias heréticas cátaras, recuperou espaço devido ao descontentamento popular provocado pela guerra e pelos abusos dos vencedores católicos. Por essa razão, em 1231 o papa Gregório IX deu ordem de implantar uma rede de tribunais especiais

---

<sup>13</sup> “sínodo svoltosi a Verona nel 1184 e presieduto da papa Lucio III e dall’imperatore di Germania Federico Barbarossa portó alla redazione di un documento, *Ad abolendam diversarum haeresum pravitatem*, che diede il via alla lotta contro tutte le eresie”. (BERTI, 2017, p. 47).

nas principais cidades européias. A gestão destes tribunais foi confiada oficialmente à ordem dos dominicanos, em seguida apoiados pelos franciscanos. Desse modo deu-se origem à Inquisição medieval. (BERTI, 2017).

Segundo Delumeau (2009), ao estabelecer em 1231 os tribunais inquisitoriais na Europa, o papa Gregório IX nomeou *Conrad de Marburgo*, primeiro inquisidor oficial da Alemanha, sua função era extirpar a heresia da Alemanha. A sua figura influenciou muito a sucessiva perseguição às feiticeiras e das práticas mágicas. Considerado um austero fanático, *Conrad* aterrorizou toda a região, até sua morte por assassinato um ano e meio depois sua nomeação. Foi através de uma proposta sua, que sucessivamente (1232-1233) o papa emitiu duas bulas, as quais apresentavam, todos os crimes cometidos pela seita contra qual *Conrad* lutava. O inquisidor e o papa acreditavam na existência de uma sociedade secreta que nos seus encontros praticavam-se rituais de iniciação nos quais os “noviços beijavam o traseiro de um sapo ou de um gato preto e homenageavam um homem pálido, magro e frio come gelo” (DELUMEAU, 2009, p. 524). Nestas reuniões, as pessoas se entregavam às piores práticas luxuriosas, adoravam Lúcifer e praticavam atos de desprezo contra Cristo. Desta maneira o pontífice e o inquisidor tinham descrito uma prática antirreligiosa que, logo depois, se chamará de “sabá”, com esta criação a Igreja pôs diante o mundo medieval uma prática diabólica e ameaçadora que deveria ser combatida.

Nota-se que deste momento em diante, as práticas mágicas começaram a ser relacionadas diretamente com o demônio, que através do homem podia praticar o mal. Santo Tomás de Aquino, seguindo as ideias de Santo Agostinho, repropõe o conceito de pacto demoníaco. Porém, a colocar em xeque as práticas mágicas foi papa João XXII, o qual, depois de uma série de processos que mostravam os avanços da feitiçaria, produziu um documento que mudará a sorte das pessoas que praticavam a magia. Foi no início do século XIV que na França realizaram-se vários processos contra pessoas acusadas de atos desprezáveis contra o cristianismo, ou tentar matar nobres e dignitários por meio de práticas mágicas, que,

nessa atmosfera turva e porque ouvia falar de práticas mágicas na corte de Avignon que João XXII, após consulta de bispos, superiores de ordens e teólogos, redigiu a bula *Super illius specula* (1326). Sendo a feitiçaria doravante assimilada a uma heresia, os inquisidores recebiam habilitação para persegui-la. (DELUMEAU, 2009, p. 525)

Estes processos refletem o clima de inquietude e medo que se vivia na Europa naquele período. Tudo isso devido aos conflitos religiosos, políticos e sociais que a Igreja interpretou como obra do demônio e por isso devia ser extirpada. Magia e heresia agora são delitos juridicamente equiparados, e por isso, combatidos com as mesmas armas através dos Tribunais

da Inquisição, os quais, em vários casos, vão adotando práticas processuais muito cruéis. Dependendo da gravidade da acusação, os culpados podiam ser punidos com penas que variavam da prisão temporária, perpétua ou à morte, que muitas vezes se traduzia com a execução na fogueira, onde os culpados, eram queimados vivos em praça pública.

Nos processos inquisitoriais, para obter as confissões dos acusados, os inquisidores podiam fazer uso da tortura. O uso da tortura nos processos aos hereges, foi a consequência de um importante acontecimento. O assassinato, em 1252, do inquisidor Pedro de Verona, foi a faísca que ativou o papa Inocência IV a redigir, no mesmo ano, a bula *Ad extirpanda*, que autorizou a tortura nos processos aos hereges.

Neste ponto, o papa, provavelmente, oferecia uma demonstração de sua identificação com o nome “Inocência”. Meio século antes, seu mais ilustre antecessor, chamado Inocência III (1160?- 1216), afirmou sem titubear: os heréticos eram culpados de suprema traição. Quando desertavam a fé, eles apunhalavam pelas costas a mais alta dignidade, a majestade de Cristo, instância à qual todos os imperadores e reis prestariam contas. Em 1199, o papado declarou os hereges culpados de crime de lesa-majestade. Um jurista calejado como o cardeal Sinibaldo Fieschi sabia que a lei romana autorizava a tortura de traidores, por, entre outras razões negarem a autoridade imperial. Quando se tornou o papa e escolheu ser chamado de “Inocência IV”, o cardeal Fieschi uniu as peças dos quebra-cabeças. Ele completou o raciocínio de seu predecessor: já que os heréticos são traidores da majestade do Altíssimo, então, conforme assegurava o direito romano, podiam ser legalmente submetidos à dor. (RUST, 2014, pg.213)

Desse modo, nota-se na citação acima que as ferramentas de tortura começaram a fazer parte do sistema processual. Os inquisidores eram legalmente habilitados para agir de maneira violenta para extorquir confissões dos acusados de predicar doutrinas consideradas falsas, as quais eram consideradas crimes contra a Igreja. Desse modo, como vimos anteriormente, quando a feitiçaria e heresias foram consideradas delitos equiparados, todas as pessoas que se dedicavam às diferentes práticas mágicas, podiam ser acusadas e processadas da mesma forma dos hereges.

Sendo assim, a demonização das práticas mágicas e o crime de praticar o sabá, fizeram com que muitas pessoas, principalmente as feiticeiras, fossem sujeitas a acusações e processadas por crimes contra a Igreja. As regras que dirigiam estes processos foram ampliadas durante os séculos XIV e XV, logo, os processos por feitiçaria aumentaram, foram escritos vários tratados que a condenam, entre eles, “O poderoso tratado *Malleus maleficarum*, redigido entre 1486 e 1487, [...]. O *Malleus* estabelece, e com rigor, a ligação direta e indissolúvel entre a feitiçaria e o sexo feminino<sup>14</sup>[..]” (CARDINI, 1979, p. 86 – tradução nossa). Este tratado

---

<sup>14</sup> “Il poderoso trattato *Malleus maleficarum*, redatto tra il 1486 e 1487, [...]. Il *Malleus* stabilisce intanto, e con rigore, il legame diretto e indissolubile fra la stregoneria e il sesso femminile [...]”. (CARDINI, 1979, p.86)

também conhecido como, O Martelo das Bruxas ou O Martelo das Feiticeiras, deu origem a uma obsessão contra as mulheres feiticeiras.

Dessa forma, notamos em alguns trechos do tratado, pontos que denotam essa obstinação contra as mulheres feiticeiras, a saber:

[...] Vemos, assim, que as bruxas lançam mão de vários expedientes para aumentar as suas hostes. Pois a mulher mencionada nos parágrafos anteriores, ao ver seu lugar ocupado pela esposa do conde, lançou-lhe um malefício com a ajuda de outra feiticeira; e é dessa forma que a bruxaria arrasta consigo tantas outras pessoas. (*MALLEUS MALEFICARUM*, 2015, p. 1284).

Encontramos nessa pequena parte do *Malleus*, uma forma com a qual as mulheres são indicadas de ter poderes malignos. Nesse caso, uma mulher com ajuda de uma feiticeira, conseguiria fazer malefícios que são considerados práticas de bruxaria. Dessa forma, poderia acontecer que outras mulheres, caso tivessem o mesmo incômodo, se utilizassem desses meios aumentando assim o número das mulheres que praticariam a bruxaria.

Outro ponto interessante que se encontra no *Malleus Maleficarum*, como vemos no segmento a seguir, é a indicação da mulher entendida como um ser que tem contato direto com o demônio. Portanto,

A maneira das bruxas proferirem o seu sacrilégio através de pacto explícito de fidelidade aos Demônios – varia segundo os diversos ritos de bruxaria. Para entendermos isso é preciso lembrar que, conforme mostramos [...], existem três tipos de feiticeiras: as que injuriam, mas não curam; as que curam, mas, por meio de algum estranho pacto com o Diabo, não injuriam; e as que injuriam e curam. Entre as primeiras, há uma classe particularmente proeminente: a das que são capazes de fazer toda sorte de bruxaria e de encantamento, abrangendo tudo o que todas as demais só são capazes de fazer individualmente. (*MALLEUS MALEFICARUM*, 2015, p. 1285-1286).

Assim, entendemos que o pacto com o demônio seria a causa desencadeadora da aquisição dos poderes malignos por parte das mulheres. Vemos também, que não existiria somente um tipo de feiticeiras, mas dependendo do tipo de pacto, as atitudes e os poderes dessas mulheres seriam diferentes.

Dessa forma, podemos entender que o *Malleus Maleficarum* foi o documento que definiu a bruxaria como se fosse um fenômeno verdadeiro e institucional. Assim, esse escrito tornou-se o dos principais meios para legitimar os processos inquisitoriais contra a bruxaria. Sucessivamente, os procedimentos nele contidos, serão aplicados para iniciar uma verdadeira caça às bruxas que perpassará a Idade Média para intensificar-se, ainda mais, naquela que é definida por Idade Moderna. Várias fontes indicam que existiram também processos e condenas aos homens considerados feiticeiros e bruxos, mas a percentagem é bastante baixa, em respeito

---

à das mulheres. Muitos dos homens condenados pela inquisição parecem estar mais ligados a crimes de heresia do que as de feitiçaria e bruxaria. Nessa mesma linha relacionada a feitiçaria e bruxaria, apresentaremos em nosso próximo capítulo a planta da mandrágora.

### 3. MANDRÁGORA A RAINHA DAS PLANTAS MÁGICAS

Entre as plantas mágicas, a Mandrágora, por suas características, provavelmente, é aquela que mais atraiu o interesse do coletivo humano medieval. Ela possui uma tradição milenária. Os antigos herboristas conhecedores desta planta reconheciam nela virtudes medicinais, afrodisíacas e alucinógenas. Como todas as solanáceas possui virtudes alucinógenas, as quais se manifestavam nas práticas religiosas ou mágicas através do seu uso em filtros, poções e unguentos que criavam nas pessoas “devaneios” fantásticos. Seus componentes tóxicos promovem delírios e estados de excitação, que podem favorecer comportamentos desinibidos, por esta razão, provavelmente foi considerada afrodisíaca. Era conhecida e usada pelas populações de toda área do Mediterrâneo e do Oriente Médio.

#### 3.1 A Mandrágora na antiguidade

Encontramos vestígios da sua fama já na antiguidade, Samorini ([201-]) cita que no antigo documento egípcio *Papiro Harris 500*<sup>15</sup>, encontra-se um soneto que tem como título “A sala dos amantes”, no qual existe uma forma de enaltecer a mulher comparando-a com as plantas, “As plantas do espelho d’água são entrelaçadas [...] / [...] da irmã é um broto de ninfeia, / seus seios são uma mandrágora, / seus braços são [...]”<sup>16</sup>. (CIAMPINI, 2005, p.50, *apud* SAMORINI, [201-], tradução nossa). Segundo Samorini, no Egito do Período Dinástico a Mandrágora e a Ninféia Azul, chamada também Flor do Liríó de Água Azul, tinham uma importante relevância na religiosidade e na mitologia. A Mandrágora era considerada um símbolo de sensualidade e fertilidade. Acredita-se que um dos motivos que as elevaram a tal fama, fossem as suas propriedades psicoativas, afrodisíacas e fecundativas. Sua representação encontrada em afrescos de tumbas egípcias além de ter significados eróticos e sexuais, estaria

---

<sup>15</sup> O papiro Harris 500 é um documento do Antigo Egito, que reúne vários textos literários, entre os que se encontram os poemas de amor egípcios mais antigos. É conservado no British Museum com o número 10060. O papiro era parte da coleção de Anthony Charles Harris (1790-1869), a qual foi adquirida depois da sua morte pelo Museu Britânico. Segundo os relatórios, o papiro estava intato quando foi descoberto, mas resultou danificado por uma explosão que destruiu o edifício no qual se guardava em Alexandria. Havia rumores de Harris ter feito uma cópia, mas nunca foi encontrada. Foi transcrito e traduzido pela primeira vez por Gaston Maspero em 1883. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Papiro\\_Harris\\_500](https://pt.wikipedia.org/wiki/Papiro_Harris_500)>. Acesso em 21 mar 2018.

<sup>16</sup> La stanza degli amanti”, dove la donna viene elogiata attraverso paragoni vegetali, purtroppo non giuntici completi: “Intrecciate sono le piante dello specchio d’acqua [...] / [...] della sorella è un bocciolo di ninfea, / il suo seno è una mandragola, / le sue braccia sono [...]” (CIAMPINI, 2005, p. 50, *apud* SAMORINI, [201-]).” Disponível em <<http://samorini.it/site/archeologia/africa/droghe-antichi-egiziani/ninfea-mandragora-erotismo-egiziano/>> Acesso em 21 Mai 2019.

relacionado com um presumido rito de passagem que descreve uma associação estreita entre morte e fertilidade

Acreditava-se que o falecido (inicialmente apenas o faraó) poderia entrar no outro mundo somente através de um novo nascimento, induzido por uma cópula "astral" com sua esposa ou com uma outra mulher, que conseqüentemente permanecia fertilizada e "parria" o defunto na vida após a morte. Esta concepção filosófico-religiosa explica a presença frequente de cenas eróticas e sensuais retratadas em tumbas, em especial, naqueles particulares da XVIII Dinastia<sup>17</sup>. (SAMORINI, 201-tradução nossa)

Fig. 2 – Detalhe de um afresco da Tumba de Nakht, Tebe. XVIII Dinastia, representando uma mulher com em mão o fruto da mandrágora



Fonte: Internet (2019)

<sup>17</sup> “Presso l’antica cultura egizia v’era una stretta associazione fra la morte e la sessualità, come del resto presso diverse altre culture antiche e moderne, ma con un sistema interpretativo particolare. Si riteneva che il defunto (inizialmente solo il faraone) potesse entrare nell’altro mondo solamente mediante una nuova nascita, indotta da una copulazione “astrale” con sua moglie o comunque con una donna che rimaneva di conseguenza fecondata e “partoriva” il defunto nell’aldilà. Questa concezione filosofico-religiosa spiega la frequente presenza di scene erotiche e sensuali raffigurate nelle tombe, in particolare in quelle private della XVIII Dinastia. -].” Disponível em <<http://samorini.it/site/archeologia/africa/droghe-antichi-egiziani/ninfea-mandragora-erotismo-egiziano/>> Acesso em 21 Mai 2019.

Estes indícios encontrados nas tumbas dos antigos egípcios nos mostram que a Mandrágora é uma planta que já em tempos remotos era considerada como algo com poderes especiais. Outra confirmação disso, encontra-se em fontes antigas que nos indicam a sua presença e uso na vida das pessoas. Neste sentido, vemos que a Mandrágora foi mencionada também nas antigas escrituras sagradas semíticas. Assim, o livro da Gênese 30: 14-15-16 cita:

Tendo chegado o tempo da ceifa do trigo, Rúben encontrou nos campos mandrágoras que trouxe para sua mãe Lia. Raquel disse a Lia: "Dá-me, por favor, as mandrágoras de teu filho." Mas Lia lhe respondeu: "Não é bastante que me tenhas tomado o marido e queres tomar também as mandrágoras de meu filho?" Raquel retomou: "Pois bem, que ele durma contigo esta noite em troca das mandrágoras de teu filho". Quando Jacó voltou dos campos, de tarde, Lia foi ao seu encontro e lhe disse: "É preciso que durmas comigo, pois paguei por ti com as mandrágoras de meu filho." E ele dormiu com ela naquela noite. (BÍBLIA de JERUSALEM)

Dessa forma, interpretamos que a Mandrágora é citada como possuidora de algumas características que podem ser interpretadas como “mágicas”, haja vista que para a cultura popular daquele tempo, acreditava-se que possuísse propriedades afrodisíacas e de garantir a fertilidade. Percebe-se nesse trecho do Gênese, a disputa amorosa entre as irmãs Raquel e Lia por Jacó (as duas em períodos diferentes foram casadas com Jacó). Sendo que, Raquel permanecia estéril e não conseguia dar filhos a Jacó desejava aquelas mandrágoras. Por isso, pediu-as a Lia, com o intuito que a planta pudesse resolver o seu problema. Lia aceitou, com a condição de dormir com Jacó naquela noite. Nesse sentido, podemos perceber que aquilo que nos dias atuais pode ser considerado, por alguns, como uma crença sem fundamento ou uma superstição, na antiguidade podia ser considerada coisa real. Por essa razão, supomos que ela foi inserida nos textos sagrados bíblicos por intelectuais religiosos daquele tempo. Prosseguindo com as citações da mandrágora existentes nos textos bíblicos, vemos que seu nome aparece também no Antigo Testamento, especificamente no Cântico dos Cânticos, quarto poema:

Eu sou do meu amado, seu desejo o traz a mim. Vem, meu amado, vamos ao campo, pernoitemos sob os cedros; madruguemos pelas vinhas, vejamos se a vinha floresce, se os botões estão se abrindo, se as romãzeiras vão florindo: lá te darei meu amor...As mandrágoras exalam seu perfume; à nossa porta há de todos os frutos: frutos novos, frutos secos, que eu tinha guardado, meu amado, para ti. (BÍBLIA de JERUSALEM)

Nestes versos, encontramos novamente a presença das Mandrágoras, como indicado anteriormente, na crença popular daquele tempo, por ter virtudes afrodisíacas, estaria relacionada ao amor e a fertilidade. Este poema do Cântico dos Cânticos parece fornecer todos os indícios necessários para confirmá-los, apresentando uma situação bem explícita entre uma mulher e um homem em uma atmosfera idílica, na qual uma mulher oferece o seu amor ao

namorado, no meio das Mandrágoras. Pelo texto não podemos afirmar o uso da planta por parte dos protagonistas, mas o referimento ao amor no sentido sexual, parece bem explícito.

Assim, notamos como a presença da Mandrágora em textos do antigo Egito e do Antigo Testamento, podem nos indicar quanto esta planta estava presente na cultura egípcia e semítica e, provavelmente, em várias outras culturas da área do Oriente Médio e Mediterrâneo daquela época. Lendo os textos nota-se que a presença e uso da Mandrágora era visto como algo de bom e positivo que podia ajudar as pessoas em específicas circunstâncias. Como vimos esta planta estava sempre associada à mulher ao amor e à fertilidade, provavelmente devido às suas virtudes consideradas afrodisíacas.

### 3.2 A Mandrágora no Medievo

É no Medievo que a Mandrágora recebe uma forte conotação no imaginário coletivo. Isso devido, principalmente, ao antropomorfismo<sup>18</sup> da sua raiz, o qual fez que a sua fama crescesse muito durante a Idade Média.

A raiz da Mandrágora em alguns casos pode ter a sua forma parecida com um pequeno boneco sem cabeça. Essa semelhança com o homem despertou desde a Antiguidade, fantasias crenças e superstições, mas em primeiro lugar fez pensar que a mesma pudesse ter uma espécie de vida “humana”. Assim essa crença alimentou nas pessoas ilusões e esperanças de possuir um pequeno oráculo capaz de fornecer riquezas e fortuna. (VALENTINI, 2010).

A crença que a planta da Mandrágora tivesse prerrogativas humanas é um dos motivos da criação das lendas sobre sua origem e o método para colhê-la. Devido às características antropomórficas de suas raízes e as suas virtudes psicoativas ela era usada na magia e recebeu aspectos malignos e perigosos. Era um verdadeiro tesouro conseguir possuí-la, mas um tesouro difícil de se conquistar, pois para colhê-la precisava-se de rituais complexos. Por estes motivos a Mandrágora deu inspiração a várias lendas, uma destas explica qual seria o método correto para colhê-la sem ter nenhum risco. A lenda conta que se a mandrágora fosse erradicada, choraria e gritaria e o seu grito seria capaz de matar esta pessoa. Por isso, existia tudo um ritual

---

<sup>18</sup> Antropomorfismo é a atribuição da forma humana a qualquer constituinte da realidade. A cultura do Antropomorfismo é antiga na história da humanidade, serviu para embasar argumentos, contos, narrativas e elementos constituintes de diversas sociedades. Da mesma forma, é embasamento recorrente em obras de arte, sobretudo literatura. Na cultura ocidental, o Antropomorfismo consolidou-se após a influência dos textos filosóficos de São Tomás de Aquino. Seus seguidores encarregaram-se de eternizar a antropomorfização na cultura do cristianismo. Mas muito antes disso, na Grécia Antiga, por exemplo, o Antropomorfismo já estava atrelado ao culto de divindades, favorecendo na disseminação de mensagens através da humanização de seres. Ou seja, a mitologia grega é bastante calcada no Antropomorfismo. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/cultura/antropomorfismo-2/>> Acesso em 11 abr. 2018.

para conseguir erradicá-la em segurança. A dinâmica funcionaria desse modo: amarrar um cachorro com uma corda à planta (fig.3) e em seguida fazê-lo correr, dessa forma puxaria a corda erradicando a planta e o grito da mesma mataria o cachorro. Neste tempo a pessoa teria que tampar os ouvidos para não ouvir os gritos e permanecer em segurança. O sacrifício do cachorro, consentiria a pessoa de colhê-la sem perigo. A confirmação desta crença, existe em várias pinturas daquela época representando-a.

Fig. 3. – Mandragora Biblioteca Medicea Laurenziana. Dioscorides, XI. Dioscoridis (liber) de medicinis, Biblioteca Medicea Laurenziana - Florença Itália



Fonte: Internet.

Fig. 4 - Mandragora, *Tacuinum Sanitatis*, Séc. XV

Fonte: Internet

A mandrágora além de ter sua raiz com características humanas, era famosa por ser considerada uma planta com sexo, a planta era conhecida por dois tipos: a feminina e a masculina. Estes tipos, praticamente se encontravam em todas as regiões do Mediterrâneo.

Sobre este argumento Vaccari (1955) indica que *Fiori Adriano* (médico e botânico italiano) no livro *Flora Analitica D'Italia*, apresenta a planta da Mandrágora catalogada em duas espécies: uma com raiz grande carnuda e branca, com corola esverdeada que floresce na primavera (*Mandrágora officinarum*), que corresponde a Mandrágora “macho” dos antigos. E uma com raiz menor enegrecida e corola roxa, que floresce no outono (*Mandrágora autumnalis*) que corresponde à Mandrágora “feminina” dos antigos. As duas espécies têm caracteres morfológicos que se diferenciam muito pouco, e as suas propriedades são as mesmas.

Em referimento a origem das características antropomórficas da Mandrágora (fig.5), existe uma lenda medieval bastante difundida que narra como ela se gera. Como descreve Campos, (2014), esta planta cresceria em baixo dos patíbulos. Quando um homem era condenado à morte por enforcamento, no momento em que morria liberava fluidos corporais,

entre eles o esperma, que ao cair na terra, dava origem a planta da Mandrágora. Com relação a esta crença, indicando que a Mandrágora seria gerada pelo esperma humano. Na Itália, “No Medievo, na província de Siena, era difundido o ditado popular “semear mandrágoras” como metáfora da masturbação masculina”<sup>19</sup> (SAMORINI, 2016, p.113, *apud* BORGHINI, 2000 – tradução nossa).

Fig. 5 – Raiz de mandrágora



Fonte: Internet

Com relação a seu antropomorfismo e a crença que a Mandrágora tivesse uma existência quase humana, encontramos um mito que relata sua origem na seguinte lenda Síria, a qual contém explícitos referimentos religiosos cristãos, que atribuem a ela uma origem maligna

Quando Deus criou o mundo, reservou-se a criação dos seres viventes na terra, nas águas e no céu. Mas, no seu contrato com Satanás, tinha esquecido o subsolo. O espírito do mal, com ciúme do Criador, quis, ele mesmo, realizar homens e mulheres que vivessem em baixo da terra. O seu gênio inventivo, mas incompleto, apenas levou a moldagem informe das mandrágoras. No momento que as mesmas, erradicadas da terra, penetram no reino de Deus, cessam de viver.<sup>20</sup> (SAMORINI, 2016, p. 115, *apud* BOUQUET, 1952 – tradução nossa)

<sup>19</sup> Nel corso del Medioevo, nella provincia di Siena era diffuso il detto “seminare mandragole” come metafora della masturbazione maschile. (SAMORINI, 2016, p. 113, *apud* BORGHINI, 2000)

<sup>20</sup> Quando Dio creò il mondo, si riservò la creazione degli esseri viventi sulla terra, nelle acque e nell’aria. Ma, nel suo contratto con Satana, aveva dimenticato il sotto-suolo. Lo spirito del male, geloso del Creatore, volle egli medesimo fabbricare degli uomini e delle donne viventi sotto terra. Il suo genio inventivo, ma incompleto, non

Esta lenda é mais uma indicação que os diferentes povos do passado, dependendo da época, da sua cultura e da religião, tinham percepções e ligações diferentes em relação à planta da Mandrágora. Por isso, como vimos, em alguns casos era considerada benéfica e útil, em outros maligna e demoníaca. Isto nos pode confirmar que a concepção de algo (neste caso a planta da Mandrágora), dependendo do contexto histórico, social e religioso pode assumir conotações completamente diferentes.

É propriamente no período medieval europeu que a presença e a fama da Mandrágora tomarão uma vasta amplitude, tornando-a rainha dos ingredientes protagonistas nos rituais mágicos. Ela era procurada devido seus poderes: protetivo, analgésico, alucinógeno, afrodisíaco e de fertilidade. Nesta época histórica, por causa de seu uso em rituais mágicos, assume o papel de ser um dos símbolos da prática da feitiçaria e sucessivamente da bruxaria e, de consequência, banida pela Igreja.

Nesse sentido, no *L'erbario di Trento*, livro criado do estudo sobre o manuscrito N° 1591 *codice-erbario*, do Museu Provincial da Arte, da cidade de Trento na Itália, foi realizado usando a reprodução fotográfica integral do manuscrito original, o qual tem representações iconográficas das plantas e escrituras que indicam qual é a “patologia” ou ferimento que a determinada planta pode curar. O manuscrito foi escrito, parte em língua vulgar veneziana, e parte em latim e está dividido em duas partes, a primeira *erbario* e a segunda receituário. No livro, o organizador, acrescentou explicações, traduções e comparações com outros manuscritos *erbario*. O manuscrito não tem uma datação precisa, mas resulta ser da segunda metade do século XV.

Nesse texto encontram-se indicações que, na Itália medieval, o entrelaçamento entre medicina fitoterápica e magia estava muito presente. Além disso, o texto nos indica que, na vida das pessoas existia uma provável mescla de sagrado e profano. As antigas crenças populares sobre algumas plantas mágicas, como por exemplo, dos poderes afrodisíacos e de fertilidade da Mandrágora, agora vão misturando-se com a crença religiosa Católica, perpetuando no tempo as presumidas virtudes desta planta, que passaram pela antiguidade até chegar a se enraizar na sociedade medieval. Valentini (2010) descreve, que na Idade Média a prática da magia era muito difundida. Ela era uma herança do mundo pagão, quem a praticava baseava-se em crenças e lendas antigas e usavam o conhecimento das ervas medicinais, seja nos rituais mágicos, seja nas curas de doenças e ferimentos. Assim, a única diferença entre a Antiguidade e o Medieval, era que na Antiguidade a arte dos magos era exclusiva das classes sacerdotais, enquanto no

---

portò che alla plasmazione informe delle mandragore. Dal momento che queste strappate da terra, penetrano nel regno di Dio, cessano di vivere. (SAMORINI, 2016, p.115 *apud* BOUQUET, 1952)

Medieval foram várias figuras que praticaram diferentes formas de magia, entre elas: monges, parteiras, curandeiras, párocos e até médicos.

Encontramos descrições dos poderes da mandrágora no manuscrito do *erbario* no qual as imagens que representam as Mandrágoras, masculina e feminina (fig.6) encontram-se juntas com um texto que indica um dos usos específicos da planta.

Se uma mulher não pudesse ter filhos, receite toda esta erva, flores, sementes, folhas, caule e raízes. Pisar tudo muito bem e quando será pulverizada incorporá-lo com mel como um eletuário. Faça com que a mulher use este eletuário de manhã em jejum por 40 dias e o use com seu marido a seu gosto. Neste período, **se Deus quiser, por sua misericórdia conceberá filhos**. Porém, saiba que se a mulher, vem dada a mandrágora masculina, conceberá um filho macho, se vem dada a feminina, conceberá uma fêmea. Mas, se a mulher vem dada a masculina e a feminina juntas, conceberá filhos que não serão nem fêmea nem macho, mas será homem e mulher juntos. Esta erva se gera do esperma do homem e nasce em terrenos quentes e úmidos<sup>21</sup>. (PROVINCIA AUTONOMA DI TRENTO ASSESSORATO ALLE ATTIVITÀ CULTURALI, 1982, p. 187 – tradução e grifo nossa)

Fig. 6 – Representação das mandrágoras masculina e feminina. *Erbario di Trento*, séc. XV, manuscrito número 1591 do Museu provincial da arte. Trento - Itália



Fonte: *Erbario di Trento*

<sup>21</sup> Se una dona non potesse aver fiolli, récipe tuta questa herba, çoé fiori e semence e foie e fusti e radixe. Puo' pestalo molto bene, e quando será molto ben polverizada, incorporalo con mielle a modo de lectuario. E fa che la dona uxa de questo lectuario da matina a stomego deçuno per XL dì et uxa com el suo marido al suo piauimento. Et in quello tempo el choncepirà fiolli se a dio piaxerà per la soa mixericordia. Et sapie che se alla dona vien dada el mascholo el conciperà fiolo maschollo e se li vien dada la femena el conciperà fia femena. Esse ala dona vien dada el mascholo ella femena insieme, el conciperà fioli che non será né femena né homo, ma averá come omo e come femena. Questa erba se ingenera de sperma de homo et nase in tereni chaldi et umidi. (PROVINCIA AUTONOMA DI TRENTO ASSESSORATO ALLE ATTIVITÀ CULTURALI, 1982, p. 187)

Nota-se na citação acima uma receita curativa para eliminar a infertilidade de uma mulher, essa poderia ser ajudada pelas virtudes da Mandrágora (na crença popular), contudo para que isto aconteça, precisa-se do poder de Deus. Assim, a frase “*se Deus quiser, por sua misericórdia conceberá filhos*” nos indica que as virtudes da planta na crença popular, são submetidas a religião oficial, ao poder de Deus. Isto nos leva a pensar que o escritor ou quem encomendou a escritura, realmente acreditava na onipotência de Deus, ou, talvez fosse induzido a escrever desta forma para não subir retorsões. Lembrando que naquele período histórico a religião oficial era a Católica, a qual, além do poder religioso, tinha um poder político e os preceitos de sua doutrina fundiam-se com o poder jurídico.

Nesse raciocínio, se uma escritura reportasse que a concepção e o gênero (masculino ou feminino) de um filho durante a fecundação fossem relacionados com as virtudes de uma planta, sem colocar nada sobre a vontade de Deus, poderia parecer uma afirmação pagã ou herética. E, talvez, por isso, o escritor ou o possessor deste manuscrito poderiam ser perseguidos pela lei. A segunda parte da receita, adverte a perigosidade do manuseio incorreto da planta, alertando sobre as consequências da eventual mistura das duas Mandrágoras (masculina e feminina). Neste caso, seu poder provocaria efeitos estranhos sobre o sexo do futuro nascituro o qual nasceria com as características dos dois sexos juntos. Parece que este trecho da receita, quisesse dar uma explicação, ou procurar algo responsável pelo nascimento de filhos, que aparentemente tem os dois sexos juntos (hermafroditismo), ou as características comportamentais de ambos os sexos. O final do texto descrevendo que a Mandrágora é gerada do esperma humano, é mais um indício relacionado as crenças e lendas medievais encontradas anteriormente, que explicam de que modo esta planta gerava-se.

O uso da mandrágora além de ser descrito nas crenças e lendas, durante o período medieval italiano, foi usada também na medicina e fazia parte dos ingredientes principais da *spongia somnifera*, usada como anestésico durante as cirurgias e descrita por Teodorico filho de Ugone da Lucca<sup>22</sup>. Tratava-se de uma esponja natural pescada no fundo marinho e deixada secar ao sol, quando seca, era mergulhada em um recipiente com água e diferentes vegetais, entre eles, os mais significativos que se encontram nas maiorias das receitas são Mandrágora, Meimendro, Opio e Cicuta.

---

<sup>22</sup> Teodorico filho de Ugone da Lucca: Nasceu na cidade de Lucca em 1205 [...]. Esperto na arte da cirurgia, que aprendeu do seu pai Ugo. [...] A sua fama está relacionada a obra mais importante por ele escrita, o tratado, *Cirurgia seu filia principis* [...]. A obra estrutura-se em quatro volumes: no primeiro trata-se das feridas em geral, o segundo de lesões particulares, como fraturas e luxações, o terceiro de fístulas, gangrenas, hérnias, o quarto de cefaleias, paralisie, epilepsia, e distúrbios da visão (tradução nossa). Disponível em: <[http://www.treccani.it/enciclopedia/teodorico-borgognoni\\_%28Dizionario-Biografico%29/](http://www.treccani.it/enciclopedia/teodorico-borgognoni_%28Dizionario-Biografico%29/)>. Acesso em: 28 abr. 2018.

Esta esponja era fervida até o total absorvimento, em seguida era novamente deixada secar e armazenada, pronta para o uso. Para utilizá-la mergulhava-se em água quente e, sucessivamente, colocada em cima das vias respiratórias do paciente, que inalando as suas substancias se anestesiava.

A respeito do uso medicinal desta planta, os quais poderes naquele período estavam entrelaçados entre medicina, magia e religião, Franco Cardini (1990), relata que Hildegarda von Bingen (1098- 1179), religiosa católica beneditina e naturalista alemã, no seu trabalho naturalista *Liber subtilitatum diversarum naturarum creaturarum*<sup>23</sup>, argumenta a existência de métodos específicos para remover aquilo que podemos definir como, poder mágico ou forças malignas das plantas, conservando unicamente o poder medicinal. Descrevendo em particular, o ritual a ser feito com a Mandrágora.

Os *Subtilitatum libri* portanto ensinam que muitas plantas (especialmente aquelas “ocidentais”, familiares à cultura folclórica germânica que Hildegarda bem conhece) e especialmente as árvores, atingem o máximo de sua periculosidade mágica quando fazem folhas e flores, isso é, na primavera: é neste período (no “tempo claro”, um tempo sagrado aos deuses) que os espíritos do ar estão mais ativos. Mas existem modos para “desarmar” o poder mágico das plantas, salvaguardando e valorizando aquile medicinal. A Mandrágora, por exemplo, quente e úmida, criada da mesma terra da qual foi criado Adão, propriamente porque muito semelhante ao ser humano é igualmente sujeita aos ataques do demônio. Por isso, é muito útil na magia: mas, para tirar da planta os seus poderes negativos, será suficiente, um banho em uma fonte de água pura durante o dia e a noite imediatamente seguintes a sua erradicação.<sup>24</sup> (CARDINI, ,1990, p 646 – tradução nossa).

Na citação Cardini (1990) nos indica o procedimento que segundo Hildegarda deve ser feito para anular os poderes malignos da Mandrágora. Assim temos um exemplo da dualidade entre bem (cristianismo) e mal (crenças mágicas pagãs). O autor aponta a teoria que este banho feito na raiz antropomorfa da Mandrágora, usando uma fonte de água pura, evoque o simbolismo do batismo. Desse modo, a planta se libertaria das virtudes negativas e potenciais

<sup>23</sup> A obra naturalista (*Liber subtilitatum diversarum naturarum creaturarum*, Livro que investiga os aspectos sutis das diferentes naturezas das criaturas, escrito por volta de 1158-70) foi escrita de forma direta; nos séculos seguintes foi dividido em duas seções: a *Physica* (Física, enciclopédia da natureza) e *Causae et curae* (As causas e as curas, onde os conhecimentos fisiológicos e médicos relativos ao corpo humano estão conectados aos princípios cosmológicos. Disponível em: <<http://www3.unisi.it/ricerca/prog/fil-med-online/autori/hm/ildegarda.html>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

<sup>24</sup> I *Subtilitatum libri* insegnano quindi che molte piante (specie quelle appunto “occidentali”, familiari alla cultura folklorica germanica che Ildegarda benissimo conosce) e in special modo gli alberi, giungono al massimo della loro pericolosità magica quando fanno foglie e fiori, cioè in primavera: è allora (nel “tempo chiaro”, un tempo sacro agli antichi dèi) che gli spiriti dell’aria sono più attivi. Ma vi sono modi di “disinnescare” il potere magico delle piante, salvaguardandone e valorizzandone invece quello medicinale. La mandragora ad esempio, calda e umida, creata dalla stessa terra della quale fu creato Adamo, proprio nella misura in cui somiglia tanto all’uomo è al pari di lui, sottoposta agli assalti del demonio. Per questo è molto utile nella magia: ma, per farle perdere questi suoi poteri negativi, sarà sufficiente un bagno in una fonte d’acqua pura per il giorno e la notte immediatamente seguenti a quello nel quale la radice è stata estratta dal terreno. (CARDINI, 1990)

influências demoníacas em analogia com o *lavacro batismal* que libertaria o ser humano do pecado original. Deste modo, na visão cristã daquele tempo, a planta perdendo o seu poder mágico, poderia ser usada pelas suas virtudes medicinais sem ter problemas.

Outra perspectiva referente a Mandrágora, apontada no período da Baixa idade Média, no começo do Renascentismo italiano, o autor Niccoló di Bernardo dei Macchiavelli (1469-1527), conhecido em Brasil como Nicolau Maquiavel, escreveu a comédia *Mandragola* (fig.7), Mandrágora em português. Em resumo, Nicolau Maquiavel na comédia a Mandrágora, ambientada em Florença, na Itália, no ano de 1504, descreve que Callimaco está apaixonado por Lucrezia, uma nobre mulher que é casada com o facultoso Messer Nicia, muito mais velho que ela. Para conseguir juntar-se a Lucrezia, Callimaco organiza um plano com a ajuda do servo Siro e do, astucioso e sem escrúpulos, amigo Ligurio, o qual conhecedor de que o casal (Lucrezia e Messer Nicia ) não conseguiam ter filhos, apresenta Messer Nicia a Callimaco, que fingindo-se um renomado médico, convence Messer Nicia que uma poção da poderosa raiz de Mandrágora por ele inventada, renderia fértil a sua esposa. Infelizmente a poção possui um efeito colateral, e mataria o primeiro que terá um relacionamento sexual com ela. É por isso que Messer Nicia para evitar a sua morte deixaria que seja um ignaro desconhecido a copular com sua esposa a primeira vez após ter tomado a poção de Mandrágora. Enquanto isso, Ligurio também consegue corromper frei Timóteo, confessor de Lucrecia, que junto com Sostrata, mãe de Lucrezia, mostrando-lhe várias citações da Bíblia a convence de aceitar a proposta do marido, argumentando que tal fim não era pecado.

Assim Ligurio avisa Messer Nicia que tudo estava pronto, e a ser sacrificado seria um ignaro desconhecido. Mas na realidade não terá nenhum ignaro desconhecido e será Callimaco disfarçado a juntar-se com Lucrezia, a qual após Callimaco contar-lhe a verdade e as suas intenções, aceita ser sua amante e o convida a retomar o disfarce de médico. Após a noite do engano, o satisfeito Messer Nicia junto com o falso médico Callimaco recebem a benção da nova amizade pelo frei Timóteo. Messer Nicia convida Callimaco a morar em sua casa.

Esta comédia é uma forte sátira que oferece a possibilidade de mostrar e criticar a sociedade italiana daquela época

A Mandrágora é uma delícia de espetáculo, fruto da veia florentina bem-humorada e ácida de Maquiavel. Trata-se de um marido angustiado por não ter seu filho. Vende sua alma e de sua mulher aos desejos carnais de outro homem, tudo envolto em mentiras e na misteriosa poção de mandrágora, raiz poderosa, que lhe traria a realização de seu desejo. Oito personagens que fazem a representação do poder, da cobiça, da satisfação, numa leitura de meios necessários para conquista de poder. (LAZZARETTI, 2014, p. 93)

Podemos perceber, na peça teatral a representação de um segmento da sociedade medieval italiana daquele período. Maquiavel nos mostra alguns sujeitos trapaceiros e seus hábitos “ruins”, entre eles a corrupção. Corrupção, que como Maquiavel mostra na sua comédia, envolve também representantes da própria Igreja Católica.

Entretanto, nosso objetivo principal, não é apresentar o aspecto moral ou ético da comédia, mas focar nos **efeitos sociais das crenças populares sobre os poderes mágicos de algumas plantas**, ou seja, nesse caso, foram as crenças sobre as virtudes positiva (fecundativa) e negativa (venenosa) da Mandrágora. Crenças estas que – como vimos anteriormente no *L'erbario di Trento*, embora apresente elementos positivos iguais (fecundidade) e negativos diferentes da comédia de Maquiavel, já que no caso do *erbario* não se alertava sobre a venenosidade da planta (vista a comédia), mas das consequências de um manuseio e de uma mistura errada desta – afetavam direta e/ou indiretamente aquela sociedade, uma vez que existiam vários “*erbarios*” escritos em diferentes períodos da Idade Média, os quais relatam sobre receitas, cujos ingredientes apresentam algumas ervas e plantas com poderes mágicos.

Nesse sentido, receitas como aquela da Mandrágora já tratada anteriormente, que na perspectiva atual, poderíamos situá-las como fronteira entre a medicina, magia e religião. Assim, a comédia de Maquiavel mostra que estas crenças podiam afetar pessoas que se encontravam em situações particulares, que pareciam não ter solução, porém podiam ser resolvidas com a ajuda das plantas mágicas.

Ademais, talvez podemos pensar que Maquiavel use esta peça para mostrar que em alguns casos o ser humano quando se encontra em uma situação, para ele, problemática e aparentemente sem solução, confie e se entregue a crenças e práticas que se acreditam eficazes. Teoricamente, o fato do autor ter colocado o nome “Mandragola” na comédia seja um indício de que a mesma seria um elemento forte no imaginário da época. Pois, é a Mandrágora e as crenças populares sobre ela que sustentam toda a armadilha preparada por Callimaco e Ligúrio.

Assim, uma suposta interpretação da peça poderia ser que Messer Nícia só acreditou na fala do falso médico Callimaco, devido a fama que a Mandrágora tinha de ser uma planta “milagrosa”, as quais virtudes resolveriam o problema da não gravidez da sua esposa. Também Lucrezia se deixa convencer e ficar com um desconhecido devido ao “efeito colateral” da poção da Mandrágora, cujo veneno mataria o primeiro que houvesse relações sexuais com ela, para logo depois poder ter filhos com o marido. Ao final não se sabe se a poção continha realmente a Mandrágora ou se Callimaco usou somente a fama da planta para conseguir o seu objetivo. A trama da comédia vista com um alhar contemporâneo, pode indicar-nos que alguns personagens

parecerem bastante ingênuos ou crédulos, mas, temos que pensar que a crença dos poderes das “plantas mágicas” estava bastante presente naquela sociedade.

Além disso, é relevante a obra de convencimento da figura religiosa de frei Timóteo. Assim, analisando a comédia com um olhar sobre a influência das crenças populares e da religião nas pessoas, vemos que as duas tiveram um papel fundamental na trama. Sem a fama da mandrágora de um lado, e sem a “benção” religiosa do outro a armadilha preparada por Callimaco e Ligurio não teria sucesso.

Fig. 7 Cópia da capa original da primeira estampa do texto da comédia de *Nicolo Machiavelli*



Fonte: Internet.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo nos permitiu analisar a forma com a qual as plantas consideradas mágicas eram tratadas no Medievo. Vemos assim, como esses vegetais eram empregados para diferentes finalidades, como por exemplo, no uso medicinal e nas práticas mágicas. Entendemos também que, na época, seu uso era comum e bastante relevante, tratando-se de um período no qual a grande parte da sociedade era formada prevalentemente por camponeses. Nesse contexto, vemos também que os ditames e os preceitos da Igreja Católica eram usados como formas para regulamentar a vida civil das pessoas.

Isto foi possível, respondendo aos quesitos iniciais pelos quais analisamos o Medievo nos seus aspectos históricos, geográficos, políticos, sociais e culturais. Pelos quais, tratamos dos sujeitos que eram envolvidos no uso dessas plantas mágicas, respectivamente: as curandeiras, feiticeiras, e as definidas, pela Igreja Católica de bruxas, mulheres peculiares que conheciam a natureza e os efeitos das plantas. Assim, nos debruçamos sobre as atitudes tomadas pelas Igreja Católica, no que diz respeito ao combate desses fenômenos que ocorriam desde a antiguidade. Por fim, com a análise da planta da mandrágora, alcançamos o objetivo de estudar uma planta específica que foi uma das protagonistas principais dessa temática e sempre se encontra nos relatos desde a antiguidade.

Dessa forma, acreditamos na relevância da nossa pesquisa, pelo motivo que leva ao conhecimento da área das Ciências das Religiões um objeto explorado de uma forma distinta. Nesse sentido, referimo-nos ao uso de um manuscrito italiano do século XV (*L'erbario di Tranto*) que relata as propriedades das plantas utilizadas usando uma forma que se move entre a ciência e a crença da época. Bem como, de textos que normalmente são empregados por outros âmbitos de pesquisa, como o *Malleus Maleficarum*, no qual encontramos, além dos temas conhecidos que tratam das bruxas, partes que nos permitiram contextualizar o uso das ervas consideradas com poderes mágicos, tratadas pelo ponto de vista dos inquisidores. Da mesma forma, o uso de autores que tratam da etnobotânica, nos permitiu ampliar a visão do objeto estudado conotando-o de uma forma científica.

Consequentemente, essa pesquisa poderia despertar o interesse da parte da sociedade que procura informações a respeito do uso dessas plantas na atualidade. Pois, as informações trazidas no nosso trabalho, facilitam o entendimento desse tema. Logo, percebemos que ao longo do caminho de nossa pesquisa conseguimos abrir a nossa mente no que diz respeito à capacidade de analisar situações aparentemente de difícil interpretação. O que, nos ajudará no prosseguimento de nossa vida acadêmica.

## REFERÊNCIAS

- APOLÓNIO DE RODES. **Os Argonautas**. Disponível em: <[https://www.academia.edu/36829165/Os\\_Argonautas\\_Traducao\\_Livre\\_-\\_Apolonio\\_de\\_Rodes.pdf](https://www.academia.edu/36829165/Os_Argonautas_Traducao_Livre_-_Apolonio_de_Rodes.pdf)>. Acesso em 06 Mar. 2019.
- BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal: do ano mil a civilização da América**. São Paulo: Editora Globo, 2009.
- BERTI, Giordano. **Storia della stregoneria: origini, credenze, persecuzioni e rinascita nel mondo contemporaneo**. Milano: Mondadori Libri S.p.A, 2017.
- BIBIANI, Daniela; TÔRRES, Moisés. A evolução política da Alta Idade Média na Europa Ocidental: Da Pluralidade dos Reinos Romano-Germânicos à Unidade Carolíngia. **Revista Brathair**, 1 (2), p. 3-13, 2002: Disponível em: <<http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/661/582>>. Acesso em: 15 mai. 2019.
- BÍBLIA de JERUSALÉM. Paulus. Disponível em: <<https://virtudedecristo.blogspot.com/2017/04/biblia-de-jerusalem-completa-pdf.html>>. Acesso em 06 Mar. 2019.
- BOTELHO, Max. Os povos bárbaros. **Revista Pergaminho**, Patos de Minas, MG, v. 3, p. 61-70, nov. 2012. Disponível em: <<https://revistas.unipam.edu.br/index.php/pergaminho/issue/view/81/Edi%C3%A7%C3%A3o%20completa2012>>. Acesso em: 21 abr. 2018.
- CAMPOS, Luciana de. Mandrágora: a planta das bruxas. **Notícias Asgardianas - Dossiê: Bruxaria e Feitiçaria Nórdica**. João Pessoa, PB: n. 6, p. 4-10, 2014. Disponível em: <[https://docs.wixstatic.com/ugd/53945c\\_144325d805b94c04bb8cbf53b3a2a7c0.pdf](https://docs.wixstatic.com/ugd/53945c_144325d805b94c04bb8cbf53b3a2a7c0.pdf)> Acesso em 18 ago. 2019.
- CARDINI, Franco. Le Piante Magiche. L'AMBIENTE VEGETALE NELL'ALTOMEDIOEVO. Settimane di studio del Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo, n. 37. Spoleto, 1990. Anais... Spoleto: Arti Grafiche Panetto & Petrelli, p. 623-658. Disponível em: <<https://www.scribd.com/document/364635510/cardini-le-piante-magiche-pdf>> Acesso em 13 abr. 2018
- \_\_\_\_\_. **Magia, stregoneria: superstizioni nell'occidente medievale**. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1979.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**, tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DE MORAES, Gerson. Os Demônios de Santo Agostinho. **Revista de Estudos Filosóficos e Históricos da Antiguidade**, Campinas, SP, n. 30, p. 171-190, jan-dez 2016. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/cpa/article/view/2685/2108>> Acesso em: 18 de jun. 2019.

DRURY, Nevill. **The dictionary of the esoteric**: 3000 Entries on the Mystical and Occult Traditions. London: Watkins Publishing Limited, London, 2004. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=k-tVr09oq3IC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 21 mai. 2019.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade média**: nascimento do ocidente. São Paulo: Brasiliense, 2001. Disponível em: <[http://www.letras.ufrj.br/veralima/historia\\_arte/Hilario-Franco-Jr-A-Idade-Media-PDF.pdf](http://www.letras.ufrj.br/veralima/historia_arte/Hilario-Franco-Jr-A-Idade-Media-PDF.pdf)>. Acesso em: 06 mar.2019.

GINZBURG, Carlo. Folklore, magia, religione. **Storia d'Italia**, vol. 1, I caratteri originali. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1972. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/124753763/Folklore-magia-religione>> Acesso em: 06 de maio 2019.

GOMBRICH, Ernst Hans. A história da arte. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HOFFMAN, Mauro da Silva. O domínio ideológico da igreja durante a alta idade média ocidental. **Revista Estoriador Especial**, Porto Alegre, RS, v. 1, p. 105-112, jul. 2010. Disponível em: <<http://www.historialivre.com/revistahistoriador/espum/mauro.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

HOMERO. **Odisséia**. Tradução de Manoel Odorico Mendes (1799-1864) Versão para eBook eBooksBrasil, 2009. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/odisseiap.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2019.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **Malleus Maleficarum**: o martelo das feiticeiras. Rio de Janeiro: Edições BestBolso, 2015. Disponível em: <<https://www.armazen3bruxas.com.br/images/ebooks/O-Martelo-das-Feiticeiras-Heinrich-Kramer.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2019

LANGER, Johnni. **A bruxa no medievo: origens e imaginário**. Modulo 1 do curso "História da Bruxaria". UFPB, 2017. 2017). Disponível em: <[https://www.academia.edu/32537488/A\\_bruxa\\_no\\_medievo\\_origens\\_e\\_imaginario\\_Modulo\\_1\\_do\\_curso\\_Hist%C3%B3ria\\_da\\_Bruxaria\\_UFPB\\_2017](https://www.academia.edu/32537488/A_bruxa_no_medievo_origens_e_imaginario_Modulo_1_do_curso_Hist%C3%B3ria_da_Bruxaria_UFPB_2017)>. Acesso em 11 maio 2019.

LAZZARETTI, Elizangela. O príncipe e a mandrágora – apontamentos. **Revista Alamedas**, Cascavel, PR, v.2, n.1, p. 92-98, 2014. Disponível em: <<http://saber.unioeste.br/index.php/alamedas/article/viewFile/10391/8173>>. Acesso em 11 maio 2018.

LUPPO, Michelangelo (org.). **L'erbario di Trento**: il manoscritto numero 1591 del Museo provinciale d'arte. Trento: Provincia Autonoma di Trento, 1982.

MACCHIAVELLI, Niccoló. **Mandragola**. Edizione di riferimento:a cura di Guido Davico Bonino, Torino, Einaudi, 1964. Disponível em: <[http://www.letteraturaitaliana.net/pdf/Volume\\_4/t93.pdf](http://www.letteraturaitaliana.net/pdf/Volume_4/t93.pdf)>. Acesso em: 27 abr.2018.

MACDONALD, Wiliam. **Il comentário bíblico del discepolo**: Antico Testamento. Bielefeld, Germany; CLV - Christliche Literatur-Verbreitung, 2013. Disponível em <<https://clv.de/clv-server.de/wwwroot/pdf/255697.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2018.

PINHEIRO, Mirtes Emilia. **As herboristas nas literaturas antiga e medieval: Circe, Hildegarda de Bingen e Isolda**. 2012. 103 f. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2012. Disponível em <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-8RVHD4/disserta\\_ao\\_final\\_agora\\_foi.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-8RVHD4/disserta_ao_final_agora_foi.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 23 fev. 2019.

RUSSEL, Jeffrey B; Brooks, Alexander. **História da Bruxaria**. São Paulo: Aleph, 2008. Disponível em: <<https://michellyribeiro.files.wordpress.com/2011/11/historiadabruxaria.pdf>> Acesso em: 17 jun.2019.

RUST, Leandro Duarte. Bulas Inquisitoriais: "*Ad Extirpanda*" (1252). **Revista Diálogos Mediterrânicos**, Curitiba, PR, n. 7, p. 200-228, dez. 2014. Disponível em: <<http://www.dialogosmediterraneos.com.br/index.php/RevistaDM/article/view/124>> Acesso em: 17 jun.2019.

SAMORINI, Giorgio. **Mitologia delle piante inebrianti**. Roma: Studio Tesi, 2016.

\_\_\_\_\_, Giorgio. La ninfea e la mandragora nell'erotismo egiziano antico. [201-]. Disponível em <<http://samorini.it/site/archeologia/africa/droghe-antichi-egiziani/ninfea-mandragora-erotismo-egiziano/>>. Acesso em: 2 maio, 2018.

VACCARI, Antonio. La Mandragora, erba magica. **Fitoterapia**, vol. 26, 1955, p. 553-559. Disponível em <[http://www.samorini.it/doc1/alt\\_aut/sz/vaccari.html](http://www.samorini.it/doc1/alt_aut/sz/vaccari.html)>. Acesso em: 2 maio, 2018.

VALENTINI, Rosella Omicciolo. **Le erbe delle streghe nel medioevo**. Tuscania (VT): Penne & Papiri, 2010.